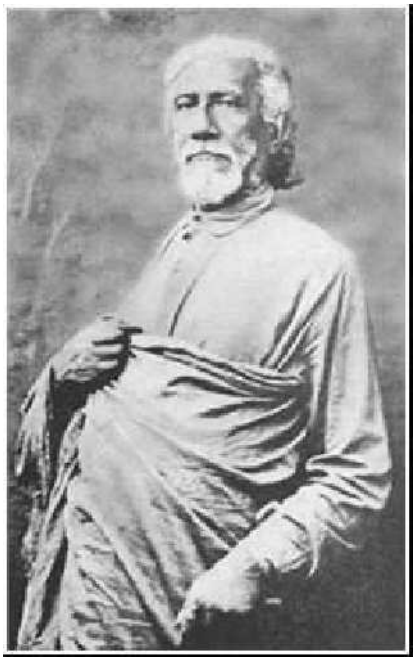
Kaivalya Darsanam

A CIÊNCIA SAGRADA

Por
Jnanavatar Swami Sri Yukteswar Giri



SELF-REALIZATION FELLOWSHIP
Fundada por Paramahansa Yogananda
Presidente Sri Daya Mata

PRÓLOGO

Profetas de todas as terras e épocas se sucederam em sua busca por Deus. Entretanto num estado de verdadeira iluminação, *nirbikalpa samadhi*, estes santos perceberam a Realidade Suprema que está por trás de todos os nomes e formas. Suas sabedorias e seus conselhos espirituais tornaram-se escrituras do mundo. Estas escrituras, embora divergindo externamente em razão dos variados mantos das palavras, são todas elas expressões - algumas de modo visível e claro, outras de modo oculto ou simbólico - das mesmas verdades básicas do espírito.

Meu *gurudeva*, Jnanavatar[1] Swami Sri Yukteswar (1855-1936) de Serampore, era notavelmente capaz de discernir a unidade fundamental existente entre as escrituras do Cristianismo e do *Sanatan Dharma*. Colocando os textos sagrados na mesa imaculada de sua mente, ele podia dissecá-los com o bisturi do raciocínio intuitivo, e separar as errôneas interpolações e interpretações dos eruditos das verdades originalmente transmitidas pelos profetas.

Em virtude do infalível discernimento espiritual do Jnanavatar Swami Sri Yukteswar é que agora tornou-se possível, através deste livro, estabelecer a harmonia fundamental entre o difícil livro bíblico *Apocalipse*, e a filosofia *Sankhya* da Índia.

Como explicou meu *Gurudeva* em sua introdução, estas páginas foram escritas por ele em obediência à um pedido de Babaji, o santo *gurudeva* de Lahiri Mahasaya, que por sua vez foi o *gurudeva* de Sri Yukteswar. Escrevi sobre as vidas crísticas destes três grandes mestres em meu livro *Autobiografia de um Iogue.*

Os *sutras* em sânscrito apresentados neste livro espalharão muita luz sobre o Bhagavad-Gita, assim como sobre outras grandes escrituras da Índia.

Paramahansa Yogananda

249 Dwapara (1949 D.C.)

[1]"Encarnação da Sabedora"; do sânscrito *jnana*, "sabedoria", e *avatara*, "encarnação divina." *(Nota do Editor)*

PREFÁCIO

Por W.Y.Evans-Wentz, M.A.,D.Litt.,D.Sc.
Autor de

O Livro Tibetano dos Mortos
Milarepa, História de um Yogi Tibetano
A Ioga Tibetana e as Doutrinas Secretas, etc.

"Foi um privilégio encontrar... Sri Yukteswar Giri. Um retrato deste venerável santo encontra-se no frontispício do meu livro *A Ioga Tibetana e as Doutrinas Secretas.* Foi em Puri, Orissa, na Baía de Bengala, que eu encontrei Sri Yukteswar. Na ocasião, ele estava dirigindo um tranqüilo *ashrama* próximo à costa e estava muito ocupado orientando o treinamento espiritual de um grupo de jovens discípulos... Sri Yukteswar tinha um aspecto amável e autoritário, de presença agradável, digno da veneração que seus seguidores espontaneamente lhe dedicavam. Cada pessoa que o conheceu, quer de sua própria comunidade ou não, tem por ele uma imensurável estima. Eu vividamente me lembro - de sua altura, postura ereta, aparência ascética, envolto nas vestes de açafrão dos que tem renunciado às buscas mundanas - quando ele estava à postos na entrada do ermitério para me dar as boas vindas. Ele escolheu para morar a sagrada cidade de Puri, para onde multidões de devotos Hindus, representantes de todas as província da Índia, chegam diariamente em peregrinação ao afamado Templo de Jagannath, "Senhor do Mundo." Foi em Puri, que Sri Yukteswar fechou seus olhos mortais em 1936, transpondo este cenário transitório da existência, sabendo que sua encarnação foi triunfalmente cumprida."

"Realmente fico muito gratificado em poder registrar meu testemunho do elevado caráter e santidade de Sri Yukteswar."

A
CIÊNCIA SAGRADA
(The Holy Science)

Copyright 1949, 1963 Self-Realization Fellowship
(Yogoda Satsanga Society of India)
© 1990 Self-Realization Fellowship
Tradução <u>não autorizada e não revisada</u> pelo Conselho Internacional de Publicações de S.R.F.
Mantenha apenas para seu estudo individual.

INTRODUÇÃO

[Este *Kaivalya Darsanam* (exposição da verdade final) foi escrito por Priya Nath Swami[1], filho de Kshetranath e Kadambini, da família Karada, em Allahabad.

À pedido do grande Preceptor (Mahavatar Babaji) em Allahabad, no final do 194º ano do atual Dwapara Yuga, esta exposição foi publicada em benefício do mundo]

O objetivo deste livro é mostrar tão claramente quanto possível, que há uma unidade essencial em todas as religiões; que não há diferença nas verdades incutidas pelas várias crenças; que há apenas um método pelo qual o mundo, tanto externo quanto interno, evolui; e que há uma só meta admitida por todas as escrituras. Mas esta verdade básica não é compreendida tão facilmente. A discórdia existente entre as diversas religiões e a ignorância dos homens, tornam quase impossível levantar o véu e vislumbrar esta grande verdade. Os credos alimentam um espírito de hostilidade e dissensão; a ignorância alarga o abismo que separa um credo do outro. Só algumas pessoas especialmente dotadas podem sobrepor-se à influência de suas crenças declaradas e perceber a absoluta unanimidade existente nas verdades propagadas por todas as grandes religiões.

Também tem como objetivo, indicar a harmonia subjacente às várias religiões, e ajudar a unir todas elas. Na verdade, é uma tarefa hercúlea, mas em Allahabad, eu fui incumbido com uma missão dada por comando divino. Allahabad, santificado *Prayaga Tirtha*, ponto de confluência dos rios Ganges, Jamuna e Saraswati, é o lugar onde se congregam homens e devotos espirituais do mundo inteiro na época do *Kumbha Mela***.** Os homens do mundo não podem transcender o limite mundano no qual se confinaram; nem podem os devotos espirituais, já que renunciaram ao mundo, dignar-se a descer e se misturarem à esse tumulto. Entretanto, os homens que estão totalmente absorvidos nos negócios terrenos tem uma evidente necessidade da ajuda e orientação daqueles seres sagrados que trazem a luz para a raça humana. Assim, deve haver um ponto de união possível entre os dois grupos. *Tirtha* assegura esse ponto de união. Situado como é na praia do mundo, tempestades e açoites não o atingem; os *sadhus* (ascetas), com um mensagem em benefício da humanidade, vêem no *Kumbha Mela* um lugar ideal para transmitir instrução àqueles que dela necessitam.

---

[1]Em 1894, quando foi escrito este livro, Babaji concedeu ao autor o título de "Swami." Foi mais tarde iniciado formalmente na Ordem dos Swamis pelo *Mahanta* (abade do mosteiro) de Buddha Gaya, Bihar, e recebeu o nome monástico de Sri Yukteswar. Ele pertencia ao ramo *Giri* ("montanha") da Ordem dos Swamis. *(Nota do Editor)*

Foi uma mensagem desta natureza que pretendia propagar quando visitei o *Kumbha Mela* realizado em Allahabad, em janeiro de 1894. Enquanto caminhava pelas margens do Ganges, fui chamado por um homem, e depois tive a honra de encontrar um ser sagrado, Babaji, o *gurudeva* do meu guru, Lahiri Mahasaya, de Benares. Este venerável personagem do
Kumbha Mela era meu próprio *paramguruji maharaj,*[1] embora fosse esse nosso primeiro encontro.

Durante a minha conversa com Babaji, falamos da classe particular de homens que freqüentam esses lugares de peregrinação. Humildemente sugeri que havia homens de bem maior inteligência do que a maioria dos que se achavam ali presentes, homens que viviam em distantes partes do mundo - Europa e América - que professavam diferentes credos e que ignoravam o verdadeiro significado do *Kumbha Mela.* Eram homens aptos para a comunhão com os devotos espirituais, no que se referia à inteligência; todavia, esses intelectuais das terras estrangeiras estavam espontaneamente em muitos casos, vinculados às fileiras do materialismo. Alguns deles, embora famosos por suas investigações nos reinos da ciência e da filosofia, não reconhecem a unidade essencial na religião. Os credos professados constituem barreiras quase insuperáveis que ameaçam para sempre a humanidade.

Meu *paramguruji maharaj* Babaji sorriu e me agraciou com o título de Swami, impondo-me a tarefa de escrever este livro e a ajudar a estabelecer a verdade básica de todas as religiões.

Este livro se divide em quatro seções, de acordo com as quatro fases no desenvolvimento do conhecimento. O objetivo mais elevado da religião é o *Atmajnanam*, Auto-conhecimento. Mas, para atingi-lo, é necessário conhecer o mundo externo. Por isso, a primeira seção do livro aborda o evangelho *(Veda)*, e procura estabelecer as verdades fundamentais da criação e descrever a evolução e a involução do mundo.

Todas as escrituras, do mais elevado ao mais baixo elo da criação, anseiam por realizar três coisas: Existência, Consciência e Bem-Aventurança. Estes propósitos ou metas constituem o tema de discussão na segunda seção do livro. A terceira seção trata do método de realização dos três objetivos da vida. A quarta seção discute as revelações que tiveram aqueles cuja longa jornada os levou a realizar os três ideais da vida e que estão muito próximos do seu destino.

O método que adotei no livro é, primeiro enunciar a proposição dos sábios orientais em termos sânscritos, e depois explicá-la pela referência às sagradas escrituras do ocidente. Deste modo, fiz o máximo para mostrar que não existe nenhuma real divergência, e muito menos qualquer conflito real entre os ensinamentos do Oriente e do Ocidente. Escrito como foi sob a inspiração do meu *paramgurudeva*, e numa Era Dwapara de rápido desenvolvimento em todas as esferas de conhecimento, espero que a importância do livro seja percebida por aqueles a quem ele é destinado.

---

[1] *Paramguru*, literalmente, "além do guru," guru de um guru. O sufixo *ji* denota respeito. *Maharaj*, "grande rei," é um título acrescentado aos nomes de excepcionais personagens espirituais. *(Notas do editor)*

Uma breve discussão sobre o cálculo matemático dos *yugas* ou eras explicará o fato de que a era atual do mundo é o Dwapara Yuga, e que 194 dessa Yuga, agora (1894 D.C.), já se passaram, trazendo um rápido desenvolvimento do conhecimento humano.

Aprendemos com a astronomia Oriental que as luas giram em torno de seus planetas, e os planetas rodando sobre seus eixos circulam com suas luas ao redor do sol; e o sol, com seus planetas e suas luas, toma alguma estrela como sua dupla e gira em torno dela por cerca de 24.000 anos de nossa terra - um fenômeno celeste que causa um movimento retrógrado dos pontos equinociais ao redor do zodíaco. O sol também tem outro movimento pelo qual ele gira em torno de um grande centro chamado *Vishnunabhi*, que é a sede do poder criativo, *Brahma*, o magnetismo universal. *Brahma* regula *dharma*, virtude mental do mundo interno.

Quando o sol, na sua revolução em torno de sua estrela dupla, atinge o ponto mais próximo deste grande centro, a sede de *Brahma* (um evento que ocorre quando o Equinócio de Outono chega ao primeiro ponto de Áries), *Dharma*, a virtude mental, torna-se tão desenvolvido que o homem pode facilmente compreender tudo, até mesmo os mistérios do Espírito.

O Equinócio de Outono cairá, no começo do século XX, entre as estrelas fixas da constelação de Virgem e na primeira parte do Ascendente Dwapara Yuga[2].

12.000 anos depois, quando o sol atinge em sua órbita o lugar mais distante de *Brahma*, o grande centro (um evento que ocorre quando o Equinócio de Outono está no primeiro ponto de Libra), *dharma*, a virtude mental, chega a um estado tão reduzido que o homem não pode entender nada além da grosseira criação material. Novamente, da mesma maneira, quando o sol em seu curso de revolução começa a avançar para o lugar mais próximo do seu grande centro, *dharma*, a virtude mental, começa a se desenvolver; este desenvolvimento é gradativamente completado em outros 12.000 anos.

Cada um desses períodos de 12.000 anos traz uma completa transformação, tanto externamente no mundo material quanto internamente no mundo intelectual ou elétrico, e é chamado um dos Daiva Yugas ou Par Elétrico. Assim, num período de 24.000 anos, o sol completa o movimento de revolução em torno de sua estrela dupla e termina um ciclo elétrico que consiste de 12.000 num arco ascendente e 12.000 num arco descendente.

O desenvolvimento do *dharma*, a virtude mental, é apenas gradual e divide-se em quatro diferentes fases num período de 12.000. O tempo de 1200 anos durante o qual o sol transpõe uma porção de 1/20 de sua Órbita (ver diagrama) chama-se Kali Yuga. *Dharma*, a virtude mental, está então em sua primeira fase e está desenvolvido somente uma quarta parte; o intelecto humano não pode compreender nada além da matéria densa desta sempre mutante criação, o mundo externo.

O período de 2400 anos durante o qual o sol atravessa a porção de 2/20 de sua órbita chama-se Dwapara Yuga. *Dharma*, a virtude mental, está então na segunda fase de desenvolvimento, apenas completo pela metade; o intelecto humano pode então

[2]Ver diagrama na página 9 do original em inglês *"The Holy Science"*

compreender as matérias sutis ou eletricidades e seus atributos, que são os princípios criativos do mundo externo.

O período de 3600 durante o qual o sol atravessa a fração de 3/20 de sua órbita chama-se Treta Yuga. *Dharma*, a virtude mental está então na terceira fase; o intelecto humano torna-se capaz de compreender o magnetismo divino, a fonte de todas as forças elétricas das quais a criação depende para sua existência.

O período de 4800 anos durante o qual o sol atravessa os restantes 4/20 de sua órbita chama-se Satya Yuga. *Dharma*, a virtude mental, está então na quarta fase e completa seu pleno desenvolvimento; o intelecto humano pode compreender tudo, até mesmo Deus, o Espírito que se encontra além deste mundo visível.

Manu, um grande *rishi* (sábio iluminado) do Satya Yuga, descreve esses Yugas mais claramente na seguinte passagem de seu *Samhita*:

> [Quatro mil anos, dizem, tem o Krita Yuga (Satya Yuga ou a "Idade de Ouro" do mundo). Seu crepúsculo matinal abrange muitos séculos e o período de seu crepúsculo vesperal tem a mesma duração (isto é, 400 + 4000 + 400 = 4800). Nas outras três eras, com seus crepúsculos matinal e vesperal, os milênios e os séculos decrescem um à um (isto é, 300 + 3000 + 300 = 3600, etc). Este ciclo quádruplo, que contém 12.000 anos, chama-se uma Era dos Deuses. A soma de mil eras divinas constitui um dia de Brahma, e a mesma duração a sua noite.]

O período de Satya Yuga tem 4000 anos de duração; 400 anos antes e depois do Satya Yuga propriamente dito estão seus *sandhis* ou períodos de mutação, com os precedentes e os subseqüentes Yugas, respectivamente; daí, 4800 anos, ao todo, constituem a era exata de Satya Yuga. No cálculo do período de outros Yugasandhis, é estabelecido que o numeral um deve ser deduzido dos números de ambos os milhares e centenas de anos que indicam os períodos dos Yugas e *sandhis* anteriores. Segundo esta regra, afigura-se que 3000 é a duração do Tetra Yuga, e 300 anos antes e depois estão seus *sandhis*, os períodos de mutação, que perfazem um total de 3600

Desse modo, a era de Dwapara Yuga tem 2000 anos, com 200 anos antes e depois como seus *sandhis*; num total de 2400 anos. Finalmente, 1000 anos é a duração do Kali Yuga, com 100 anos antes e depois como seus *sandhis*; num total de 1200 anos. Assim, 12.000 anos, a soma total de todos os períodos dessas quatro Yugas, constituem o período de um dos Daiva Yugas ou Par Elétrico, dois dos quais, ou seja, 24.000 anos, perfazem o ciclo elétrico completo.

A partir de 11.501 A.C., quando o Equinócio de Outono estava no primeiro ponto de Áries, o sol começou a se afastar do ponto de sua órbita mais próximo do grande centro em direção ao ponto mais distante dele, e, conseqüentemente, o poder intelectual do homem começou a diminuir. Durante 4800 anos em que o sol atravessou um dos pares de Satya ou uma 4/20ª parte de sua órbita, o intelecto do homem perdeu totalmente o poder de captar o conhecimento espiritual. Durante os 3600 anos seguintes, em que o sol atravessou o Tetra Yuga Descendente, o intelecto gradativamente perdeu todo o poder de captar o conhecimento do magnetismo divino. Durante os seguintes 2400 anos, enquanto o sol atravessava o Dwapara Yuga Descendente, o intelecto humano perdeu seu conhecimento de captar o conhecimento das eletricidades e seus atributos. Nos sub-

seqüentes 1200, o sol atravessou o Kali Yuga Descendente e atingiu o ponto de sua órbita mais distante do grande centro; o Equinócio de Outono estava no primeiro ponto de libra. O poder intelectual do homem estava em tão acentuado declínio que ele já não podia compreender nada além do denso material da criação. O período situado em torno do ano 500 D.C. constituiu, portanto, a parte mais sombria do Kali Yuga e de todo o ciclo de 24.000 anos. A história, realmente evidencia a exatidão desses antigos cálculos do *rishis* indianos, e registra a vasta ignorância e o sofrimento de todas as nações neste período.

Do ano de 499 D.C. em diante, o sol começou a avançar em direção ao grande centro, e o intelecto do homem foi, aos poucos se desenvolvendo. Durante os 1100 anos do Kali Yuga Ascendente, e que nos levam até o ano de 1599 D.C., o intelecto humano estava tão denso que não podia compreender as eletricidades, *Sukshamabhuta*, as matérias sutis da criação. No mundo político também, falando de um modo geral, não houve paz em nenhum reino.

Seguindo-se a este período, no início dos 100 anos *sandhi* intermediários do Kali Yuga, fase de ligação com o seguinte Dwapara Yuga, os homens começaram a notar a existência das matérias sutis, *panchatanmatra*, ou os atributos das eletricidades; e a paz política começou a se estabelecer

Por volta do ano de 1600 D.C., Willian Golbert descobriu as forças magnéticas e observou a presença da eletricidade em todas as substâncias materiais. Em 1609 Kepler descobriu importantes leis de astronomia, e Galileu produziu um telescópio. Em 1621 Drebbel de Hollanda inventou o microscópio. Cerca de 1670 Newton descobriu a lei da gravitação. Em 1700 Thomas Savery fez uso da máquina de vapor, empregando água fervente como força motriz. Vinte anos depois Stephen Gray descobriu a ação da eletricidade no corpo humano.

No mundo político, as pessoas começaram a ter respeito por si mesmas, e a civilização avançou de muitos modos. A Inglaterra uniu-se com a Escócia e se tornou um poderoso reino. Napoleão Bonaparte apresentou seu novo código jurídico no sul da Europa. A América conquistou sua independência, e reinava a paz em muitas partes da Europa.

Com o progresso da ciência, começaram a se espalhar pelo mundo as ferrovias e os fios telegráficos. Com o auxilio das máquinas a vapor, das máquinas elétricas e de muitos instrumentos, as matérias sutis tiveram utilização prática, embora não se compreendesse claramente a sua natureza. Em 1899, ao completar-se o período de 200 anos do Dwapara Sandhi, o tempo de mutação, o verdadeiro Dwapara Yuga de 2000 anos começará e dará à humanidade em geral uma total compreensão das eletricidades e seus atributos.

Eis a grande influência do tempo que governa o universo. Nenhum homem pode vencer esta influência, exceto aquele que, abençoado com o puro amor, com a dádiva celestial da natureza, torna-se divino; batizando-se na sagrada corrente de *Pranava* (a sagrada vibração de *Aum*), compreendendo o Reino de Deus.

A posição do mundo na era atual de Dwapara Sandhi (1894 D.C.) não é corretamente mostrada nos almanaques Hindus. Os astrônomos e astrólogos que calculam os

almanaques se deixaram guiar por anotações errôneas de certos eruditos sânscritos (tais como Kulluka Bhatta) da era obscura do Kali Yuga, e agora afirmam que a duração do Kali Yuga é de 432.000 anos, dos quais 4994 já se passaram (em 1894 D.C.), restando ainda 427.006 anos. Uma negra perspectiva, que felizmente não é verdadeira!

O equívoco apareceu nos almanaques pela primeira vez por volta do ano de 700 A.C., durante o reinado do Rajá Parikshit, logo após o final do último Dwapara Yuga Descendente. Nesta época o Maharaja Yudhisthira, vendo o aparecimento do negro Kali Yuga, transmitiu o trono ao seu neto, o citado Rajá Parikshit. Maharaja Yudhisthira, com todos os sábios de sua corte, retirou-se para as montanhas dos Himalaias, o paraíso do mundo. Assim, não havia ninguém na corte do Rajá Parikshit que pudesse compreender o princípio que ensinava a calcular corretamente as eras dos vários Yugas.

Portanto, com o término dos 2400 anos do então corrente Dwapara Yuga, ninguém ousou modificar o negro Kali Yuga, no tocante à sua duração, começando a fazer o cálculo a partir do primeiro ano e anulando o número de anos do Dwapara.

Por conseguinte, de acordo com o método errado de cálculo, o primeiro ano de Kali Yuga foi computado em 2401, simultaneamente com a era do Dwapara Yuga. Em 499 D.C., quando os 1200 anos, tempo de duração do verdadeiro Kali Yuga, se completaram, e o sol atingira o ponto de sua órbita mais distante do grande centro (quando o Equinócio de Outono estava no primeiro ponto de Libra nos céus), a era de Kali, em seu período mais negro, foi calculada em 3600 anos, ao invés de 1200.

Com o início do Ascendente Kali Yuga, em 499 D.C., o sol começou a avançar em sua órbita, aproximando-se do grande centro, e em conseqüência o poder intelectual do homem se desenvolveu. Portanto, o equívoco dos almanaques passou a ser notado pelos sábios da época, que verificaram que os cálculos dos antigos *rishis* fixaram o período de um Kali Yuga em apenas 1200 anos. Entretanto, como o intelecto desses sábios ainda não estava adequadamente desenvolvido, eles só puderam reconhecer o próprio erro, e não a sua razão. Por coerência, eles imaginaram que 1200 anos, a real duração do Kali, não eram os anos comuns de nossa terra, mas incluíram outros tantos anos do ciclo *daiva* (“anos dos deuses”), que consistiam de 12 meses *daiva* de 30 dias *daiva* cada um, sendo cada dia *daiva* igual a um ano solar de nossa terra. Daí, segundo esses homens, 1200 anos do Kali Yuga devem equivaler a 432.000 anos de nossa terra.

Entretanto, chegando a uma conclusão correta, devemos levar em consideração a posição do Equinócio da Primavera do ano de 1894.

Os livros de Astronomia mostram que o Equinócio da Primavera está agora a 20°54'36" de distância do primeiro ponto de Áries (a estrela fixa Revati), e pelos cálculos parecerá que 1394 anos se passaram desde a época em que o Equinócio da Primavera começou a se afastar do primeiro ponto de Áries.

Deduzindo 1200 anos (a duração do último Ascendente Kali Yuga) de 1394 anos, temos 194 para indicar o presente ano da entrada do mundo no Ascendente Dwapara Yuga. O equívoco dos antigos almanaques será claramente explicado se acrescentarmos 3600 anos a este período de 1394 anos e obtivermos 4994 anos - que, de acordo com a equivocada teoria predominante, representam o ano atual (1894 D.C.) nos almanaques hindus.

Com referência ao Diagrama apresentado neste livro, o leitor verá que o Equinócio de Outono está agora (1894 D.C.) incidindo entre as estrelas da constelação de Virgem e no Ascendente Dwapara Yuga.

Neste livro foram mencionadas certas verdades, tais como aquelas sobre as propriedades do magnetismo, suas auras, os diferentes tipos de eletricidade, etc., embora a ciência moderna ainda não as descobriu totalmente. Podemos compreender facilmente os cinco tipos de eletricidades se dirigirmos a atenção para as propriedades dos nervos, que são de natureza puramente elétrica. Cada um dos cinco nervos sensoriais tem sua característica e uma função singular a desempenhar. O nervo ótico leva a luz e não desempenha as funções do auditivo e de outros nervos; o nervo auditivo por sua vez, leva somente o som, sem desempenhar as funções de quaisquer outros nervos, e assim por diante. Portanto está claro que há cinco tipos de eletricidades, correspondendo às cinco propriedades da eletricidade cósmica.

No que se refere às propriedades magnéticas, o poder de compreensão do intelecto humano é atualmente tão limitado que seria inteiramente inútil tentar fazer com que o público em geral entendesse o que é a matéria. O intelecto do homem no Tetra Yuga compreenderá os atributos do magnetismo divino (o próximo Tetra Yuga começará em 4099 D.C.). Na verdade, existem hoje personagens excepcionais que, tendo superado a influência do Tempo, podem entender agora o que as pessoas comuns não podem, mas este livro não é para esses seres sublimes, que não precisam dele.

Concluindo esta introdução, podemos observar que os diversos planetas, que exercem sua influência sobre os vários dias da semana, emprestaram seus nomes aos seus respectivos dias; de igual modo, as diversas constelações de estrelas, influenciando os vários meses, emprestaram seus nomes aos meses hindus. Cada um dos grandes Yugas também tem muita influência sobre o período de tempo que abrange; assim, ao designar os anos, dever-se-ia indicar a que Yuga eles pertencem.

Como os Yugas são calculados pela posição do equinócio, o método de numeração dos anos com referência ao seu respectivo Yuga baseia-se num princípio científico; seu uso evitará muita inconveniência surgida no passado devido à associação de várias eras com pessoas eminentes, e não com os fenômenos celestes das estrelas fixas. Por isso proponho denominar e numerar o ano em que escrevi este prefácio como 194 do Dwapara, aos invés de 1894 D.C., para mostrar o tempo exato do Yuga ora em curso. Este método de cálculo prevaleceu na Índia até o reinado do Rajá Vikramaditya, quando se iniciou a era *Samvat*. Por esse motivo, nós o seguimos, e recomendamos que seja seguido pelo público em geral.

Agora, neste 194º ano do Dwapara Yuga, já tendo há muito se passado a negra era de Kali, o mundo está alcançando o conhecimento espiritual, e os homens precisam de mútua e afetuosa ajuda. A publicação deste livro, a pedido do meu venerável *paramguru maharaj* Babaji, prestará, assim espero, um serviço espiritual.

Swami Sri Yukteswar Giri

Serampore, Bengala Ocidental
26º Falgum, 194º Dwapara (1894 D.C.)

CAPÍTULO 1

O EVANGELHO

SUTRA 1

Parambrahma (Espírito ou Deus) é eterno, completo, sem princípio nem fim. É uno, Ser indivisível.[1]

O Pai Eterno, Deus, *Swami Parambrahma*, é a única Substância Real, *Sat*, e é tudo em tudo no universo.

Por que Deus não é compreensível. O homem tem fé eterna e crê intuitivamente na existência de uma substância, da qual os objetos dos sentidos - audição, tato, visão, paladar e olfato, partes componentes deste mundo visível - são apenas propriedades. Como o homem se identifica com seu corpo material, composto destas propriedades, ele é capaz de compreender por meio desses órgãos imperfeitos somente estas propriedades, e não a Substância à qual elas pertencem. O Pai Eterno, Deus, a Substância única no universo, não é, portanto, compreensível para o homem do mundo material, a menos que ele se torne divino, elevando seu ser acima desta criação de Trevas ou *Maya*. Ver Hebreus 11:1 e João 8:28.

"A fé nos leva a possuir aquilo que ainda esperamos; dá-nos a certeza daquilo que ainda não vemos."

Jesus afirmou: "Quando tiverdes levantado o Filho do homem, então sabereis que Eu Sou."

SUTRA 2

Nele (Parambrahma) está a origem de todo conhecimento e amor, a raiz de todo poder e alegria.

***Prakriti* ou Natureza de Deus.** A força onipotente *Shakti*, ou em outras palavras, a Eterna Alegria, *Ananda*, que produziu o mundo; e o Sentimento Onisciente, *Chit*, que torna este mundo consciente, demostram a Natureza, *Prakriti*, de Deus, o Pai.

---

[1]Swami Sri Yukteswarji fixou estes *sutras* (preceitos) apenas em sânscrito. A tradução literal foi providenciada pela Self-Realization Fellowship. *(Nota do Editor)*

Como Deus é compreendido. Como o homem é semelhante à Deus, interiorizando sua atenção ele pode compreender dentro de si mesmo a Força e o Sentimento, únicas propriedades de seu Ser - a Força Onipotente como sua vontade, *Vasana*, com prazer, *Bhoga*; e o Sentimento Onisciente como sua Consciência, *Chetana*, que tem prazer, *Bhokta.* Ver Gênesis 1:27.

> *"E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."*

SUTRA 3

Parambrahma faz emergir a criação, a inerte Natureza (*Prakriti*). De *Aum* (*Pranava,* o Verbo, a manifestação da Força Onipotente), surge *Kala*, o tempo; *Desa*, o espaço; e *Anu,* o Átomo (a estrutura vibratória da criação).

O Verbo, *Amen* (*Aum*), é o começo da Criação. A manifestação da Força Onipotente (a Repulsão e sua expressão complementar, o Sentimento Onisciente ou Amor, a Atração) é vibração, que aparece como um som peculiar: o Verbo, *Amen*, *Aum*. Em seus diferentes aspectos *Aum* apresenta a idéia de mudança, que é o tempo *Kala*, no Eterno-Imutável; e a idéia de divisão, que é o Espaço, *Desa*, no Eterno-Indivísivel.

As Quatro Idéias: o Verbo, o Tempo, o Espaço e o Átomo. O efeito resultante é a idéia de partículas - os inumeráveis átomos, *patra* ou *anu*. Estes quatro - o Verbo, o tempo, o Espaço e o Átomo - são, portanto, unos e idênticos, e substancialmente nada mais que simples idéias.

A manifestação do Verbo (tornando-se carne, a matéria externa) criou este mundo visível. Assim, o Verbo *Amen, Aum,* sendo a manifestação da Eterna Natureza do Pai Onipotente ou Seu próprio Ser, é inseparável de nada mais do que o próprio Deus; tal como o poder calcinante é inseparável de nada mais do que o próprio fogo. Ver Apocalipse 3:14; João 1:1, 3, 14.

> *"Eis o que diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus."*

> *"No princípio existia o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.... Tudo foi feito por ele, e sem ele nada se fez de tudo o que foi criado.... E o Verbo se fez carne e viveu entre nós."*

SUTRA 4

A causa da criação é *Anu* ou os Átomos. Coletivamente eles se chamam *Maya* ou o poder ilusório do Senhor; individualmente *Anu* se chama *Avidya*, Ignorância.

Átomos, o trono do Espírito, o Criador. Estes átomos, que representam interna e externamente, as quatro idéias acima mencionadas, são o trono do Espírito, o Criador, que brilhando sobre eles cria este universo. No conjunto, eles se denominam *Maya*, as Trevas, pois tornam incompreensível a Luz Espiritual; e cada um deles separadamente denomina-se *Avidya*, a Ignorância, pois torna o homem ignorante até do seu próprio Ser. Por isso, estas quatro idéias que dão origem a todas essas confusões são referidas na Bíblia como muitos animais. O homem, enquanto se identifica com seu corpo material denso, coloca-se numa posição bem inferior à do quádruplo Átomo primordial e, necessariamente, não pode compreendê-lo. Mas, quando se eleva ao nível dele, não apenas compreende este Átomo, interna e externamente, mas também toda a criação imanifestada e manifestada (isto é, "por diante e por trás"). Ver Apocalipse 4:6.

> *"... E no meio, diante do trono, bem como ao redor do trono, quatro seres vivos, cheios de olhos na frente e por detrás."*

SUTRA 5

O aspecto de Amor Onisciente de Parambrahma é *Kutastha Chaitanya*. O Ser individual, sendo Sua manifestação, é uno com Ele.

***Kutastha Chaitanya,* o Espírito Santo, *Purushottama*.** A manifestação de *Premabijam Chit* (Atração, o Amor Onisciente) é Vida, o Onipresente Espírito, e se chama o Espírito Santo, *Kutastha Chaitanya* ou *Purushottama*, que brilha nas trevas, *Maya*, para atrair cada respectiva porção em direção à Divindade. Mas as trevas, *Maya*, ou suas partes individuais[2], *Avidya*, a Ignorância, sendo por si mesma repulsão, não pode receber ou compreender a Luz Espiritual, mas pode refleti-la.

***Abhasa Chaitanya* ou *Purusha*, os Filhos de Deus.** Este Espírito Santo, sendo a manifestação da Natureza Onisciente do Pai Eterno, Deus, não é outra substância senão o próprio Deus; e por isso, estes reflexos dos raios espirituais são denominados os Filhos de Deus - *Abhasa Chaitanya* ou *Purusha.* Ver João 1:4, 5, 11.

> *"Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens."*
>
> *"A luz brilha na escuridão e a escuridão não a pôde ofuscar."*
>
> *"Ele veio até a sua própria terra e a sua gente não a acolheu."*

SUTRA 6

O Átomo, sob a influência de *Chit* (conhecimento universal) forma *Chitta* ou o calmo estado da mente, que quando espiritualizado chama-se *bud-*

[2]Isto é, sua presença em cada homem.

***dhi*, a Inteligência. Seu oposto é *Manas*, a Mente, na qual vive o *Jiva*: o ser com *Ahamkara*, o Ego, a idéia da existência isolada.**

***Chitta*, o Coração; *Ahamkara*, o Ego, o filho do homem.** Este Átomo, *Avidya*, a Ignorância, estando sob a influência do Amor Universal, *Chit,* o Espírito Santo, espiritualiza-se como limalhas de ferro em uma aura magnética, e toma consciência, o poder do sentimento, então se chama *Mahat*, o Coração, *Chitta*; e como tal, a idéia da existência isolada aparece nele, que passa a se chamar *Ahamkara*, o Ego, o filho do homem.

***Buddhi,* a Inteligência; *Manas*, a Mente.** Assim magnetizado, tem dois pólos, um dos quais o atrai para a Substância Real, *Sat*, e o outro o repele da mesma. O primeiro é chamado *Sattva* ou *Buddhi*, a Inteligência, que determina o que é a Verdade; e o último, sendo uma partícula da Repulsão, a espiritualizada Força Onipotente como já foi dito, produz o mundo ideal do prazer (*ananda*) e se chama *Anandatwa* ou *Manas*, a Mente.

SUTRAS 7 - 10

***Chitta*, o Átomo espiritualizado, no qual *Ahamkara* (a idéia da existência isolada do Ser) aparece, tem cinco manifestações (auras elétricas).**

Elas (as cinco auras elétricas) constituem o corpo causal de *Purusha*.

As cinco eletricidades, *Pancha Tattwa*, de seus três atributos, *Gunas*, - *Sattva* (positivo), *Rajas* (neutralizante) e *Tamas* (negativo) - produzem *Jnanendriyas* (órgãos dos sentidos), *Karmendriyas*, (órgãos da ação) e *Tanmatras* (objetos dos sentidos).

Estes quinze atributos, acrescidos da Mente e da Inteligência, constituem os dezessete "membros puros" do corpo sutil, o *Lingasarira.*

***Pacha Tattwa*, as Causas-Originais da Criação, o corpo causal.** Este Átomo espiritualizado, *Chitta* (o Coração) sendo manifestação da Repulsão, produz cinco tipos de auras elétricas provenientes das suas cinco diferentes partes: uma do meio, duas das duas extremidades, e as outras duas dos espaços intermediários entre o meio e cada uma das extremidades. Estes cinco tipos de eletricidades sendo atraídos sob a influência do Amor Universal (o Espírito Santo) para a Substância Real, *Sat*, produzem um campo magnético chamado corpo de *Sattva Buddhi*, a Inteligência. Estas cinco eletricidades, sendo as causas de todas as outras criações, denominam-se *Pancha Tattwa*, as cinco Causas-Originais, e são consideradas o corpo causal de *Purusha*, o Filho de Deus.

Os três *Gunas*, os atributos elétricos. As eletricidades, sendo envolvidas pela polarizada *Chitta*, estão também num estado polarizado e são dotadas de três atributos ou *Gunas*: *Sattva*, o positivo, *Tamas,* o negativo, e *Rajas*, o neutralizante.

***Jnanendriyas*, os cinco órgãos dos sentidos.** Os atributos positivos das cinco eletricidades são os *Jnanendriyas*, os órgãos dos sentidos - olfato, paladar, visão, tato, e audi-

ção - e sendo atraídos sob a influência de *Manas*, a Mente, o pólo oposto deste Átomo espiritualizado, constituem um corpo da mesma.

***Karmendriyas*, os cinco órgãos da ação.** Os atributos neutralizantes das cinco eletricidades são os *Karmendriyas*, os órgãos da ação - excreção, procriação, movimento (pés), habilidade manual (mãos) e fala. Estes órgãos, sendo as manifestações da energia neutralizante do Átomo espiritualizado, *Chitta* (o Coração), constituem um corpo energético chamado corpo de energia, a força vital ou *Prana.*

***Vishaya* ou *Tanmatras*, os cinco objetos dos sentidos.** Os atributos negativos das cinco eletricidades são os cinco *Tanmatras* ou objetos dos sentidos do olfato, paladar, visão, tato e audição, que, unidos aos órgãos dos sentidos através do poder neutralizante dos órgão da ação, satisfazem os desejos do coração.

***Lingasarira*, o sutil corpo material.** Estes quinze atributos de dois pólos - Mente e Inteligência - do Átomo espiritualizado constituem *Lingasarira* ou *Sukshmasarira*, o sutil corpo material de *Purusha*, o Filho de Deus.

SUTRAS 11, 12

Os citados cinco objetos, que são os atributos negativos das cinco eletricidades, combinando-se, produzem a idéia da matéria densa em suas cinco formas: *Kshiti*, sólidos; *Ap*, líquidos; *Tejas*, fogo; *Marut,* substâncias gasosas; e *Akasha,* éter.

Estas cinco formas de matéria densa e os citados quinze atributos, juntamente com *Manas*, Mente, consciência sensória; *Buddhi*, Inteligência discriminativa; *Chitta*, o Coração ou poder do sentimento; e *Ahamkara,* o Ego, constituem os vinte e quatro princípios básicos da criação.

O Corpo Material Denso. Estes cinco objetos, que são os atributos negativos das cinco eletricidades, conjuntamente combinados, produzem a idéia da matéria densa que nos parece ter cinco variedades diferentes: *Kshiti*, o sólido; *Ap*, o líquido; *Tejas*, o ígneo; *Marut*, o gasoso; e *Vyoma* ou *Akasha*, o etéreo. Estes constituem o envoltório externo chamado *Sthulasarira*, o corpo material denso de *Purusha*, o filho de Deus.

Os Vinte e Quatro Anciãos. Estas cinco matérias densas e os citados quinze atributos, juntamente com *Manas*, a Mente; *Buddhi*, a Inteligência; *Chitta*, o Coração; e *Ahamkara*, o Ego, constituem os vinte e quatro princípios ou Anciãos, como é mencionado na Bíblia. Ver Apocalipse 4:4.

> *"Ao redor do trono havia vinte e quatro anciãos, vestidos de vestes brancas e com coroas de ouro nas cabeças."*

Os citados vinte e quatro princípios, que completavam a criação das Trevas, *Maya*, nada mais são do que o desenvolvimento da Ignorância, *Avidya*; e como esta Ignorância se compões somente de idéias, conforme já mencionamos, a criação não tem,

na realidade, existência substancial, mas é um simples jogo de idéias da Substância Eterna, Deus, o Pai.

SUTRA 13

Este universo se divide em quatorze esferas, sete *Swargas* e sete *Patalas*.

Sete Esferas ou *Swargas*. O universo assim descrito, principiando com a Eterna Substância, Deus, desce ao plano da criação material densa e se divide em sete diferentes esferas, *Swargas* ou *Lokas.*

7ª Esfera, *Satyaloka*. A primeira delas é *Satyaloka*, a esfera de Deus - a única Substância Real, *Sat*, no universo. Nenhum nome pode descrevê-la, nem palavra alguma na criação de Trevas ou Luz pode qualificá-la. Esta esfera, portanto, denomina-se *Anama*, a Inominada.

6ª Esfera, *Tapoloka*. A próxima, na ordem, é *Tapoloka*, a esfera do Espírito Santo, que é a Paciência Eterna, pois permanece para sempre impassível diante de qualquer idéia limitada. Por ser inabordável até mesmo pelos Filhos de Deus, chama-se *Agama*, a Inacessível.

5ª Esfera, *Janaloka*. Segue-se *Janaloka*, a esfera do reflexo espiritual, os Filhos de Deus, de onde se origina a idéia da existência isolada do Ser. Como esta esfera está acima da compreensão de qualquer pessoa na criação de Trevas, *Maya*, chama-se *Alakshya*, a Incompreensível.

4ª Esfera, *Maharloka*. Vem então *Maharloka*, a esfera do Átomo, o princípio da criação de trevas, *Maya*, sobre a qual o Espírito se reflete. Esta esfera é o elo de ligação e o único caminho entre a criação espiritual e material, e se denomina a Porta, *Dasamadwara*.

3ª Esfera, *Swarloka*. Em torno deste Átomo está *Swarloka,* a esfera da aura magnética, as eletricidades. Caracterizando-se pela ausência de toda a criação (até mesmo dos órgãos e seus objetos, as coisas materiais sutis), esta esfera se chama *Mahasunya*, o Grande Vazio.

2ª Esfera, *Bhuvarloka*. A seguinte é *Bhuvarloka*, a esfera dos atributos elétricos. Como as matérias densas da criação estão inteiramente ausentes nesta esfera, e por ser ela notável pela presença apenas de matérias sutis, chama-se *Sunya*, o Vazio Comum.

1ª Esfera, *Bhuloka*. A última e a mais baixa esfera é *Bhuloka*, a esfera da criação material densa, sempre visível a todos.

***Sapta Patalas*, as sete igrejas.** Assim como Deus criou o homem à Sua própria imagem, assim também o corpo do homem assemelha-se à imagem deste universo. O corpo material do homem tem igualmente dentro de si, sete pontos vitais chamados *Patalas*.

Voltando-se para seu próprio Ser e seguindo o caminho certo, o homem percebe a Luz Espiritual nestes pontos, que são descritos na Bíblia como as muitas igrejas; as luzes ali percebidas como estrelas assemelham-se à muitos anjos. Ver Apocalipse 1:12-13, 16, 20.

> *"... E tendo-me voltado, vi sete candelabros de ouro, e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um Filho de homem..."*
>
> *"Segurava na mão direita sete estrelas..."*
>
> *"... as sete estrelas são os anjos das sete Igrejas, e os sete candelabros, as sete igrejas."*

Quatorze *Bhuvanas*, as etapas da criação. As sete esferas ou *Swargas* acima mencionadas e os sete *Patalas* constituem quatorze *Bhuvanas*, as quatorze diferenciáveis etapas da criação.

SUTRA 14

***Purusha* é dotado de cinco *koshas* ou envoltórios.**

Cinco *Koshas* ou Envoltórios. Este *Purusha*, o Filho de Deus, está protegido por cinco envoltórios chamados *koshas*.

Coração, o primeiro *Kosha*. O primeiro destes cinco envoltórios é o Coração, *Chitta*, o Átomo, composto de quatro idéias, como já mencionamos, o qual sente ou aprecia, e, por ser a sede da bem-aventurança, *ananda*, chama-se *Anandamaya Kosha.*

***Buddhi*, o segundo *Kosha*.** O segundo é a eletricidade magnética da aura, manifestação de *Buddhi*, a Inteligência que determina o que é a verdade. Assim, sendo a sede do conhecimento, *jnana*, denomina-se *Jnanamaya Kosha*.

***Manas*, o terceiro *Kosha*.** O terceiro é o corpo de *Manas*, a Mente, composto pelos órgãos dos sentidos, como já mencionamos e é chamado de *Manomaya Kosha.*

***Prana*, o quarto *Kosha*.** O quarto é o corpo de energia, a força vital ou *Prana*, composto dos órgãos da ação antes descritos e são chamados de *Pranamaya Kosha*.

Matéria densa, o quinto *Kosha*. O quinto e último desses envoltórios é a matéria densa, o revestimento externo do Átomo, o qual tornando-se *Anna*, o alimento, sustenta este mundo visível e por isso se chama *Annamaya Kosha.*

A Ação do Amor. Ao completar-se a ação da Repulsão, manifestação da Energia Onipotente, a ação da Atração (O Amor Onipotente no âmago do coração) começa a se manifestar. Sob a influência deste Amor Onisciente, a Atração, os Átomos, atraindo-se mutualmente, aproximam-se cada vez mais, assumindo formas etéreas, gasosas, ígneas, líquidas e sólidas.

O reino inanimado. Assim, este mundo visível torna-se adornado com sóis, planetas e luas, o qual chamamos de reino inanimado da criação.

O reino vegetal. Desta maneira, quando a ação do Amor Divino torna-se bem desenvolvida, a evolução de *Avidya*, Ignorância (a partícula de Trevas, *Maya*, a Onipotente Energia manifestada), começa a se retrair. *Annamaya Kosha*, o revestimento externo de matéria densa do Átomo conseqüentemente retrai-se, *Pranamaya Kosha* (o envoltório composto de *Karmendriyas*, os órgãos da ação) começa a operar. Neste estado orgânico os Átomos, abraçando-se mais estreitamente em seus corações, fazem surgir o reino vegetal na criação.

O reino animal. Quando *Pranamaya Kosha* se retrai, vem à luz o *Manomaya Kosha* (o envoltório composto de *Jnanendriyas*, os órgãos dos sentidos). Os Átomos percebem então a natureza do mundo externo, e atraindo outros Átomos de natureza diferente, formam corpos necessários para o prazer, e assim, surge o reino animal na criação.

O gênero humano. Quando *Manomaya Kosha* se retrai, *Jnanamaya Kosha* (o corpo da Inteligência composto de eletricidades) torna-se perceptível. Adquirindo o poder de determinar o certo e o errado, o Átomo torna-se homem, o ser racional na criação.

***Devata* ou Anjo.** Quando o homem, cultivando o Espírito Divino ou o Amor Onisciente em seu coração, é capaz de rejeitar este *Jnanamaya Kosha*, então se manifesta o envoltório mais profundo, *Chitta*, o Coração (composto de quatro idéias). O homem é então chamado *Devata* ou Anjo na criação.

***Sannyasi*, o Ser livre.** Quando o Coração ou o envoltório mais profundo é também descartado, já nada mais existe que possa manter o homem preso a esta criação de Trevas, *Maya*. Então ele se torna livre, *Sannyasi*, o filho de Deus, e entra na criação da Luz.

SUTRAS 15, 16

Assim como, ao acordarmos, consideramos os objetos vistos em nossos sonhos insubstanciais, também nossas percepções em estado de vigília são igualmente irreais - apenas uma questão de compreensão.

Estados de sono e de vigília. Quando o homem compara suas idéias relativas às matérias densas concebidas no estado de vigília, com a sua concepção das idéias obtidas em sonho, a semelhança existente entre elas leva-o à conclusão de que o mundo externo também não é o que parece ser.

Ao buscar outra explicação, verifica que todas as suas concepções em estado de vigília são substancialmente nada mais que meras idéias, causadas pela união dos cinco objetos dos sentidos (os atributos negativos das cinco eletricidades internas) com os

cinco órgãos dos sentidos (seus atributos positivos), através dos cinco órgãos de ação (os atributos neutralizantes das eletricidades).

Esta união é efetuada por meio da Mente (*Manas*) e é concebida ou entendida pela Inteligência (*Buddhi*). Está claro, portanto, que todas as concepções que o homem forma em seu estado de vigília são simples deduções, *Parokshajnana* - uma questão de compreensão.

SUTRA 17

O que é necessário é um Guru, um Salvador, que desperte em nós *Bhakti* (devoção) e as percepções da Verdade.

Quando o homem encontra seu *Sat-Guru* ou Salvador. Quando o homem compreende por seu *Parokshajnana* (verdadeira compreensão) o nada que é o mundo externo, ele aprecia a posição de João Batista, o divino personagem que presenciou a Luz e testemunhou Cristo, depois de expandir o amor, dom celestial da Natureza, que tinha desenvolvido em seu coração.

Qualquer buscador evoluído e sincero pode ter a sorte de encontrar um desses personagens divinos, que generosamente pode dispor-se como seu Preceptor Espiritual, *Sat-Guru*, o Salvador. Seguindo afetuosamente os sagrados preceitos desses divinos personagens, o homem torna-se capaz de dirigir todos os órgãos dos sentidos para o seu centro interno comum - o sensório, *trikuti* ou *Sushumnadwara*, a porta do mundo interior - onde percebe a Voz, como o som peculiar de uma "batida" [a Vibração Cósmica que é], o Verbo, *Amen*, *Aum*; e vê, enviado por Deus, o luminoso corpo de *Radha*, simbolizado na Bíblia como o Precursor ou João Batista. Ver Apocalipse 3:14, 20 e João 1:6, 8, 23.

> *"... eis o que diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.... Eis que estou em pé à porta, e bato! Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo."*

> *"Surgiu um homem enviado por Deus. Seu nome era João.... Ele não era a luz, mas a testemunha da luz.... Ele respondeu: Sou uma voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor..."*

Ganges, Jamuna, ou Jordão, os rios sagrados. Por sua peculiar natureza, este som, que flui como um rio vindo de uma região superior desconhecida, perdendo-se na densa criação material, é figurativamente designado por várias seitas pelos nomes dos diferentes rios que elas consideram sagrados; por exemplo, o Ganges pelos hindus, o Jamuna pelos *Vaishnavas*[3], e o Jordão[4] pelos cristãos.

---

[3]Adoradores de Vishnu, Deus como Conservador.
[4]Mateus 3:13-17.

O Segundo nascimento. Através de seu corpo luminoso, o homem, acreditando na existência da verdadeira Luz - a Vida deste universo - é batizado e absorvido na torrente sagrada do som. Este batismo é por assim dizer, o segundo nascimento do homem e é chamado de *Bhakti Yoga*[5], sem o qual o homem jamais poderá compreender o verdadeiro mundo interno, o reino de Deus. Ver João 1:9 e 3:3.

> *"O verbo era a luz, a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem."*

> *"... Eu te afirmo e esta é a verdade: se alguém não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus."*

***Aparokshajnana*, a verdadeira compreensão.** Neste estado, o filho do homem começa a se arrepender e, repelindo a densa criação material, arrasta-se em direção à sua Divindade, a Substância Eterna, Deus. Com a extinção da Ignorância, o homem gradativamente compreende o verdadeiro caráter desta criação de Trevas, *Maya*, que é um simples jogo de idéias da Suprema Natureza sobre Seu próprio Ser, a única Substância Real. Esta verdadeira compreensão é chamada *Aparokshajnana*.

SUTRA 18

> **Obtém-se a Emancipação (*Kaivalya*) quando se realiza a unificação do próprio Ser com o Ser Universal, a Realidade Suprema.**

***Sannyasi* ou Cristo, o Salvador ungido.** Quando ocorre a total extinção da Ignorância, o coração, estando perfeitamente limpo e purificado, já não reflete apenas a Luz Espiritual, mas a manifesta ativamente, e assim, consagrado e ungido torna-se *Sannyasi*, livre, ou Cristo, o Salvador[6]. Ver João 1:33.

"... Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, este é que batiza o Espírito Santo."

Batizado na torrente de Luz. Mediante este Salvador, o filho do homem é novamente batizado ou absorvido na torrente de Luz Espiritual e, sobrepondo-se à criação de Trevas, *Maya*, entra no mundo espiritual e se unifica com *Abhasa Chaitanya* ou *Purusha*, o filho de Deus, como foi o caso do Senhor Jesus de Nazaré. Neste estado, o homem se salva para sempre da servidão das Trevas, *Maya*. Ver João 1:12 e 3:5.

> *"Mas alguns a acolheram e creram no seu nome. Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus."*

---

[5]União com Deus através do amor, a Atração que está constantemente atraindo o homem para o reino de Deus. *(Nota do Editor).*

[6]Isto é, ele se unifica com a Consciência Crística, o reflexo da consciência do Pai Eterno na criação, imanente no Verbo ou *Aum*, a vibração Cósmica. Portanto, ele está livre ou salvo das trevas de *Maya*, a ilusão da separatividade do Pai. *(Nota do Editor)*

"Eu vos afirmo e esta é a verdade: se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus."

O Sacrifício da personalidade. Quando o homem estiver entrando no mundo espiritual, torna-se um filho de Deus, compreendendo a Luz universal - o Espírito Santo - como uma totalidade perfeita, e seu Ser como nada mais que uma simples idéia pairando num fragmento da Luz de *Aum*. Então ele se sacrifica ao Espírito Santo no altar de Deus, ou seja, abandona a vã idéia de sua existência isolada e se torna uma totalidade integral.

***Kaivalya*, a unificação.** Assim, tornando-se uno com o universal Espírito Santo de Deus, o Pai, ele se unifica com a Substância Real, Deus. Esta unificação do Ser com a Eterna Substância, Deus, denomina-se *Kaivalya*[7]. Ver Apocalipse 3:21.

"O vencedor, fá-lo-ei assentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e assento-me com meu Pai no seu trono."

[7]Literalmente, "isolamento", independência absoluta ou emancipação através da união com Deus. *(Nota do Editor)*

CAPÍTULO 2

A META

SUTRA 1

Por isso há o desejo de emancipação.

Libertação, o objetivo principal. Quando o homem compreende por meio da dedução, a verdadeira natureza desta criação, a verdadeira relação existente entre esta criação e ele mesmo; e quando, além disso, compreende que está completamente cego pela influência das Trevas, *Maya*, e que é unicamente a escravidão das Trevas que lhe faz esquecer seu Ser real e lhe causa todo o sofrimento, ele naturalmente desejará livrar-se de todos esses males. Esta libertação do mal, ou liberação da servidão de *Maya*, vem a ser o objetivo principal de sua vida.

SUTRA 2

Libertação é estabilização de *Purusha* (*jiva*, alma) no seu Ser real.

Viver no Ser é libertação. Quando o homem transcende a idéia da criação destas trevas, *Maya*, e escapa completamente de sua influência, ele se liberta da servidão e fixa-se no seu Ser real, o Eterno Espírito.

SUTRA 3

Então cessa toda a dor, e ele atinge o objetivo supremo (a verdadeira realização, a realização de Deus).

Libertação é Salvação. Ao atingir esta libertação, o homem é salvo de todos os seus dissabores, e satisfaz todos os desejos de seu coração, realizando assim o objetivo supremo de sua vida.

SUTRA 4

Caso contrário, nascimento após nascimento, o homem experimenta o sofrimento dos desejos insatisfeitos.

Por que o homem sofre. Todavia, enquanto o homem se identifica com seu corpo material e não consegue repousar no seu verdadeiro Ser, ele sente que as necessidades compatíveis com o desejo de seu coração não são satisfeitas. Para satisfazê-las, tem ele de aparecer muitas vezes em carne e sangue no palco da vida, sujeito à influência das Trevas, *Maya*, e tem de sofrer todos os dissabores da vida e da morte, não apenas no presente, mas também no futuro.

SUTRAS 5, 6

Os dissabores nascem de *Avidya*, a Ignorância. Ignorância é a percepção inexistente, e a não percepção do Existente.

O que é a ignorância? Ignorância, *Avidya*, é a falsa interpretação ou errônea concepção da existência daquilo que não existe. Através de *Avidya* o homem acredita que esta criação material é a única coisa que substancialmente existe, nada havendo além dela, esquecendo que esta criação é substancialmente nada, é um mero jogo de idéias no Espírito Eterno, a única Substância Real, mais além da compreensão da criação material. Esta Ignorância não é apenas um mal em si próprio, mas é também a origem de todos os outros males do homem.

SUTRAS 7 - 12

***Avidya*, a Ignorância, tendo duplo poder de polaridade, manifesta-se como egoísmo, apego, aversão e (cega) tenacidade.**

O obscuro poder de *Maya* gera egoísmo e (cega) tenacidade; o poder polarizador de *Maya* gera apego (atração) e aversão (repulsão).

O egoísmo resulta de uma falta de discernimento entre o corpo físico e o Ser real.

A tenacidade é um resultado do condicionamento natural (a crença na Natureza e suas leis como finalidade, ao invés da crença nos poderes todo-causativos da Alma).

O apego significa sede pelos objetos que dão felicidade.

A aversão significa o desejo de afastar os objetos que causam infelicidade.

A Ignorância é a causa de todas as dificuldades. Para compreender por que a Ignorância é a causa de todos os outros males, devemos lembrar (como já foi explicado no capítulo anterior) que a Ignorância, *Avidya*, nada mais é que uma partícula das Trevas, *Maya*, e, como tal, possui as duas propriedades de *Maya*. A primeira é seu poder tenebroso, cuja influência impede o homem de não entender nada além da criação material. Este tenebroso poder produz *Asmita* ou Egoísmo, a identificação do Ser com o corpo material, que é apenas o desenvolvimento do Átomo, partículas da energia universal; e *Abhinivesa* ou a tenacidade cega, relativa à crença daquilo que é válido, na suprema importância da criação material.

Em virtude da segunda das propriedades de *Maya*, Ignorância ou *Avidya* em seu estado polarizado, produz atração por certos objetos e repulsão por outros. Os objetos assim atraídos são os objetos de prazer, para os quais um Apego, *Raga*, é formado. Os objetos repelidos são os objetos que produzem dor, para os quais é formada uma Aversão, *Dwesha*.

SUTRA 13

A raiz da dor são as ações egoístas, as quais (baseadas nas ilusões), levam ao sofrimento.

Por que o homem esta acorrentado. Pela influência destes cinco males- Ignorância, Egoísmo, Apego, Aversão e a Tenacidade relativa à criação material - o homem é induzido a se envolver em ações egoístas e em conseqüência ele sofre.

SUTRAS 14, 15

O propósito do homem é a completa libertação da infelicidade.

Uma vez que ele tenha eliminado toda a dor sem possibilidade de retorno, ele atinge a meta suprema.

O último desejo do coração. Para o homem, a cessação de todo sofrimento é *Artha*, o desejo imediato do coração. A completa extirpação de todos esses sofrimentos, de modo a tornar impossível sua ocorrência, é *Paramartha*, a meta suprema.

SUTRA 16 -21

Existência, consciência e bem-aventurança são as três aspirações (do coração humano).

***Ananda*, bem-aventurança, é a satisfação do coração alcançada pelos métodos e meios sugeridos pelo Salvador, o *Sat-Guru*.**

***Chit*, verdadeira consciência, efetua a completa destruição de todos os males e origina todas as virtudes.**

***Sat*, existência, é alcançada pela realização da perpetuidade da alma.**

Estas três qualidades constituem a natureza real do homem.

Com a satisfação de todos os desejos e a extinção de todo sofrimento, a realização de *Paramartha* (a meta suprema) é atingida.

As verdadeiras necessidades. O homem naturalmente sente grande necessidade de *Sat*, Existência; *Chit*, Consciência, e *Ananda*, Bem-Aventurança. Estas três são as verdadeiras necessidades do coração humano e nada tem a ver com qualquer coisa externa à seu Ser. São propriedades essenciais de sua própria natureza, como já foi explicado no capítulo anterior.

Como o homem alcança a Bem-Aventurança. Quando o homem tem a sorte de obter o favor de um personagem divino, *Sat-Guru*, (o Salvador), e afetuosamente, seguindo seus sagrados preceitos, é capaz de interiorizar toda sua atenção, ele pode satisfazer plenamente as necessidades de seu coração e desse modo alcançar o contentamento, *Ananda*, a Verdadeira Bem-Aventurança.

Como surge a Consciência. Com o coração contente, o homem está apto a fixar a atenção em tudo que quiser, e compreender todos os aspectos. Assim *Chit*, a Consciência de todas as modificações da Natureza desde sua primeira e primordial manifestação, o Verbo (Amém, *Aum*), e o seu Ser Real gradativamente aparecerão. E absorvido nessa corrente, o homem é batizado e começa a se arrepender retornando à Divindade, o Pai Eterno, de onde caiu. Ver Apocalipse 2:5.

"Lembra-te, pois, de que altura caíste; arrepende-te e retorna às tuas primeiras obras..."

Como a Existência é concebida. Consciente de sua verdadeira posição e da natureza desta criação de Trevas, *Maya*, o homem passa a ter absoluto poder sobre ela, e pouco a pouco descarta-se de todos os estágios da Ignorância. Deste modo, livre do controle da criação de Trevas, ele compreende que seu próprio Ser é a Indestrutível e Sempre-Existente Substância Real. Então, *Sat*, a Existência do Ser, vem à luz.

Como atingir o principal objetivo do coração. Atendidas todas as necessidades do coração - *Sat*, Existência; *Chit*, Consciência; e *Ananda*, Bem-Aventurança - a Ignorância, mãe de todos os males, vai definhando, e conseqüentemente cessam para sempre os dissabores deste mundo material, que eram a causa de todos os tipos de sofrimento. Assim, é alcançado o objetivo supremo do coração.

SUTRA 22

Alcançadas todas as realizações de sua natureza, o homem não apenas reflete a luz divina, mas unifica-se ativamente com o Espírito. Este estado é *Kaivalya*, a unicidade.

Como o homem encontra a Salvação. Neste estado, atendidas todas as necessidades e atingido o objetivo supremo, o coração está perfeitamente purificado e, ao invés de tão somente refletir a luz espiritual, manifesta-a ativamente. O homem sendo assim consagrado ou ungido pelo Espírito Santo, torna-se Cristo, o Salvador ungido. Entrando no reino da Luz Espiritual, converte-se no filho de Deus.

Neste estado, o homem compreende que seu Ser é um fragmento do Espírito Santo Universal, e abandonando a vã idéia de sua existência isolada, unifica-se com o Espírito Santo; ou seja, torna-se uno e igual com Deus, o Pai. Esta unificação do Ser com Deus é *Kaivalya*, o Supremo Objetivo de todas as coisas criadas. Ver João 14:11

"Crede-me: eu estou no Pai o Pai está em mim..."

CAPÍTULO 3

O MÉTODO

SUTRA 1 -4

***Yajna*, sacrifício, significa penitência (*Tapas*), estudo profundo (*Swadhyaya*), e a prática de meditação sobre *Aum* (*Brahmanidhana*).**

Penitência é paciência ou serenidade sob todas as condições (equanimidade em meio às essenciais dualidades de *Maya*; frio e calor, dor e prazer, etc.)

***Swadhyaya* consiste em ler ou ouvir a verdade espiritual, refletir e formar uma concepção definida sobre ela.**

(Meditação sobre) *Pranava*, o som divino de *Aum*, é o único caminho que leva a *Brahman* (Espírito), a salvação.

Paciência, fé e trabalho sagrado. *Tapas* é a mortificação religiosa ou a paciência tanto no prazer quanto no sofrimento. *Swadhyaya* é *sravana*, estudo, com *manana*, profunda atenção, mais *nididhyasana*, formam uma idéia da verdadeira fé sobre o Ser; isto é, o que eu sou, de onde vim, para onde irei, para que vim, e outras questões concernentes ao Ser. *Brahmanidhana* é o batismo ou a fusão do Ser na torrente do Som Sagrado (*Pranava*, *Aum*), que é o sagrado trabalho realizado para alcançar a salvação e a única via pela qual pode o homem retornar à sua Divindade, o Pai Eterno, de onde caiu. Ver Apocalipse 2:19.

> *"conheço tuas obras, teu amor, tua fidelidade, tua generosidade, tua paciência e persistência; e tuas últimas obras, que excedem as primeiras."*

SUTRA 5, 6

Ouve-se *Aum* pelo cultivo de *Sraddha* (amor natural do coração), *Virya* (coragem moral), *Smriti* (memória da divindade individual), e *Samadhi* (verdadeira concentração).

***Sraddha* é a intensificação do amor natural do coração.**

Como se manifesta o Som Sagrado. Este Som Sagrado, *Pranava Sabda*, se manifesta espontaneamente pelo cultivo de *Sraddha*, uma propensão energética do amor natural do coração; *Virya*, coragem moral; *Smriti*, verdadeira concepção; e *Samadhi*, verdadeira concentração.

A virtude do Amor. O amor natural do coração é o principal requisito para se atingir uma vida santa. Quando este amor, dom celestial da Natureza, surge no coração, ele elimina todas as causas de excitação do sistema e o acalma, induzindo-o ao estado perfeito e normal; e tonificando os poderes vitais, expele todas as matérias estranhas - os germes das doenças - por meios naturais (transpiração etc.). Deste modo, torna o homem perfeitamente saudável de corpo e de mente, e o habilita a compreender corretamente a orientação da Natureza.

Quando este amor se desenvolve no homem, permite à ele compreender não só a real posição de seu próprio Ser, mas também a dos outros que o cercam.

Com a ajuda deste amor desenvolvido, o homem tem a felicidade de conseguir a Sublime companhia de personagens divinos e é salvo para sempre. Sem este amor, ele não pode viver de modo natural, nem pode viver na companhia de uma pessoa conveniente à seu próprio bem-estar; torna-se muitas vezes excitado pelas matérias estranhas introduzidas em seu sistema através dos equívocos que o impedem de compreender a orientação da Natureza, e, como conseqüência, ele sofre no corpo e na mente. Uma vez que não pode, de modo algum, encontrar a paz, sua vida se torna um fardo. Por conseguinte, o cultivo deste amor, o dom celestial, é o principal requisito para se obter a salvação; sem ele, é impossível para o homem avançar um passo neste sentido. Ver Apocalipse 2:2-4.

> *"Conheço as tuas obras, teu trabalho e tua paciência, e sei que não podes suportar os maus; puseste à prova os que se dão como apóstolos, sem o serem, e os achaste mentirosos;*
>
> *e tens perseverança, e sofreste pelo meu nome, e não desanimaste.*
>
> *Mas tenho contra ti que arrefeceste o teu primeiro amor."*

SUTRA 7, 8

> **A coragem moral (*Virya*), nasce de *Sraddha*, que direciona nosso amor para o guru, e da afetuosa observância de suas instruções.**
>
> **Aqueles que afastam os nossos males, dispersam nossas dúvidas e conferem a paz, são os verdadeiros mestres. Eles realizam uma obra divina. Seus adversários (aqueles que aumentam nossas dúvidas e dificuldades) são perniciosos e devem ser evitados como veneno.**

Como já foi explicado no capítulo anterior, esta criação, substancialmente nada mais é do que uma idéia lúdica da Natureza na única Substância Real, Deus, o Pai Eter-

no, que é o Guru - o Supremo - neste universo. Todas as coisas da criação não são outra substância senão este Guru, o Pai Supremo, o próprio Deus, percebido na pluralidade pelos múltiplos aspectos da recreação da Natureza. Ver João 10:34 e Salmos 82:6.

"Jesus respondeu: Não está escrito na Lei: Eu disse vós sois deuses?"

"Eu tenho dito: Vós sois deuses; e todos vós são filhos do Altíssimo."

Fora desta criação, o objeto que alivia nossos sofrimentos e nossas dúvidas, e nos dá paz, seja ele animado ou inanimado, por mais insignificante que possa ser, merece nosso máximo respeito. Mesmo que outros o considerem como objeto do mais abominável desprezo, devemos aceitá-lo como *Sat* (Salvador) e aceitar como divina sua companhia. Aquilo que produz resultados opostos, que destroi nossa paz, lançando-nos em dúvidas e criando sofrimentos, deve ser considerado *Asat*, a ruína de tudo que é bom, e como tal deve-se evitá-lo. Os sábios indianos citam o seguinte:

> [Alguns julgam que as divindades existem na água (os elementos naturais), enquanto que os eruditos acham que elas existem no céu (mundo astral); os néscios buscam-nas na madeira e nas pedras (as imagens ou símbolos), mas o Iogue realiza Deus no santuário de seu próprio Ser.]

Para alcançar a salvação os homens escolhem como Salvador os objetos que eles podem compreender, de acordo com seu próprio estágio de evolução. Assim, de modo geral, as pessoas pensam que a doença é uma terrível calamidade; a água, quando administrada adequadamente, tende a eliminar essa doença, podem então os ignorantes eleger a própria água como sua Divindade.

Os filósofos, sendo capazes de compreender a Luz elétrica que brilha dentro deles, constatam que o amor que flui energeticamente de seus corações em direção à essa Luz, alivia-lhes de todas as causas de excitação, acalmando e normalizando os seus sistemas, tonificando os seus poderes vitais, fazendo-os perfeitamente saudáveis de corpo e mente. Logo, eles aceitam esta Luz como sua Divindade ou seu Salvador.

As pessoas ignorantes, na sua fé cega, aceitam um pedaço de madeira ou uma pedra como Salvador ou Divindade para esta criação externa, pelos quais o amor natural de seus corações desenvolverão, através da propensão magnética, a crença de que este objeto atenuará todas as causas de agitação, acalmará e normalizará o seus sistemas e tonificará seus poderes vitais. Por outro lado, os verdadeiros adeptos, tendo pleno controle sobre o mundo material, encontram sua Divindade ou Salvador no Ser, e não no mundo externo.

Respeitar o Guru com profundo amor. Estar na companhia do Guru não significa estar em sua presença física (pois isto às vezes é impossível), mas significa principalmente guardá-lo em nossos corações, nos unificar e sintonizar com ele.

Este pensamento foi expresso por Bacon: "Uma multidão não é companhia, é uma simples galeria de rostos." Portanto, estar na companhia de um objeto Divino é associá-lo com *Sraddha*, o amor intenso do coração, no sentido acima explicado, manten-

do na sua mente, com toda plenitude, seu semblante e seus atributos, e pela reflexão seguir afetuosamente suas instruções, mansamente. Ver João 1:29.

"... Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!"

Agindo assim, tornar-se-á o homem capaz de conceber o sublime status de seus irmãos divinos, afortunadamente ficando em suas companhias, obtendo seguramente a ajuda de qualquer um deles, a quem irá eleger como seu Preceptor Espiritual, *Sat-Guru*, o Salvador.

Em resumo, pode-se alcançar *Virya* ou coragem moral pelo cultivo de *Sraddha*, ou seja, pela consagração do amor natural do discípulo ao seu Preceptor, que está sempre com ele (no sentido interno já explicado) e pelo afetuoso seguimento de suas sagradas instruções, as quais lhes são dadas de modo livre e espontâneo.

SUTRA 9 -11

A coragem moral é fortalecida pela observância de *Yama* (moralidade ou autocontrole) e *Niyana* (regras religiosas).

***Yama* consiste em não fazer mal aos outros, integridade, não roubar, não cobiçar e observar a castidade.**

***Niyama* significa pureza de corpo e mente, contentamento em todas as circunstancias e obediência (observância às instruções do Guru).**

Pode-se atingir a firmeza da coragem moral pelo cultivo de *Yama*, as abstenções religiosas: abstenção da crueldade, da desonestidade, da cobiça, da vida anti-natural e das posses desnecessárias; e de *Niyama,* as observâncias religiosas: pureza de corpo e mente - limpando o corpo externa e internamente de todas as matérias estranhas, que ao fermentarem, criam diversos tipos de doenças no sistema; e limpando a mente de todos os preconceitos e dogmas que tornam o homem mesquinho - contentamento em todas as circunstâncias; e obediência aos sagrados preceitos dos personagens divinos.

O que é a vida natural? Para entender o que é a vida natural, será necessário distinguí-la do que é anti-natural. A vida depende da seleção de (1) alimento, (2) moradia, e (3) companhia. Para ter uma vida natural, os animais inferiores escolhem para si mesmo esses elementos com a ajuda de seus instintos e das sentinelas naturais colocadas nas entradas sensoriais - os órgãos da visão, da audição, tato, olfato e paladar. Entretanto, nos homens em geral estes órgãos estão desde a infância de tal forma pervertidos pela vida anti-natural, que pouca confiança se pode ter em seus julgamentos. Portanto, para compreender quais são nossas necessidades naturais, devemos depender de observação, experiência e razão.

O que é alimento natural para o homem? Primeiro, para escolher o alimento natural, devemos observar a formação dos órgãos que cooperam na digestão e na nutri-

ção, os dentes e o canal digestivo; a tendência natural dos órgãos dos sentidos que guiam os animais para o seu alimento; e a nutrição da prole.

Observação dos dentes. Pela observação dos dentes, notamos que nos animais carnívoros os incisivos são pouco desenvolvidos, mas os caninos bastante longos, lisos e pontiagudos, para apanhar a presa. Os molares também são pontudos; estas pontas entretanto, não se unem, mas se ajustam estreitamente lado à lado para separar as fibras musculares.

Nos animais herbívoros os incisivos são notavelmente desenvolvidos, os caninos reduzidos (embora algumas vezes sejam longos, como as presas dos elefantes), os molares são largos na parte superior e revestidos de esmalte só nas faces laterais.

Nos frugívoros todos os dentes tem quase a mesma altura; os caninos são pouco projetados, cônicos e rombudos (obviamente não planejados para agarrar a presa, mas para exercer força). Os molares tem coroa larga revestida na parte superior de pregas esmaltadas para evitar o desgaste causado pelo seu movimento lateral, não são pontudos, inapropriados para mastigar carne.

Por outro lado, nos animais onívoros, como os ursos, os incisivos se assemelham aos dos herbívoros, os caninos são como os dos carnívoros, e os molares não só são pontudos mas também largos na parte superior, para servir a um duplo propósito.

Agora, se observarmos a formação dos dentes no homem, veremos que eles não se parecem com os dentes dos carnívoros, nem com os dos herbívoros ou dos onívoros. Eles se parecem exatamente como os dos animais frugívoros. A dedução razoável portanto, é de que o homem é um frugívoro ou um animal comedor de frutas[1].

Observação do canal digestivo. Pela observação do canal digestivo, verificamos que os intestinos dos animais carnívoros são de três à cinco vezes mais longos que seu corpo, quando medidos da boca ao ânus, e seu estômago é quase esférico. Os intestinos dos herbívoros são vinte e oito vezes mais longos que seu corpo, e seu estômago é mais estendido e de estrutura composta. Porém, os intestinos dos animais frugívoros têm de dez a doze vezes a extensão de seu corpo; seu estômago é um pouco mais largo do que o dos carnívoros e tem um prolongamento no duodeno, que funciona como um segundo estômago.

Não é exatamente a formação que encontramos nos seres humanos, embora a anatomia diga que os intestinos humanos tem de três a cinco vezes a extensão do corpo humano - cometendo-se um equívoco ao se medir o corpo da parte superior da cabeça até a sola dos pés, em vez de partir da boca ao ânus. Assim, podemos novamente inferir que o homem é com toda probabilidade um animal frugívoro.

Observação dos órgãos dos sentidos. Pela observação da tendência natural dos órgãos dos sentidos - indicadores que determinam o que é nutritivo - os quais direcionam todos os animais para o seu alimento, verificamos que quando o animal carnívoro encontra a presa, sente tanto prazer que seus olhos começam a brilhar; audaciosamente

[1]Como fruta compreendemos qualquer produto da vida vegetal útil ao homem. A dieta frugivorista à que se refere Sri Yukteswarji abrange os vegetais, legumes, hortaliças, nozes e cereais (*Nota do Editor*).

ataca a vítima e sorve com sofreguidão os jatos de sangue. Ao contrário, os herbívoros recusam até mesmo seu alimento natural, deixando-o intacto, se nele houver o menor vestígio de sangue. Seus sentidos do olfato e visão induzem-os a escolher a grama e outras ervas como alimento, degustando-as com prazer. Similarmente, com animais frugívoros percebemos que seus sentidos sempre os dirigem para os frutos das árvores do campo.

Nos homens de todas as raças verificamos que os seus sentidos de olfato, audição e visão nunca os levam à matança de animais; ao contrário, eles não podem sequer suportar a visão dessas chacinas. É sempre recomendável que os matadouros sejam mantidos bem longe das cidades; os homens com freqüência, expedem rigorosos regulamentos proibindo o transporte de carnes descobertas. Pode-se então considerar a carne um alimento natural do homem, quando seus olhos e seu nariz positivamente a rejeitam, a menos que venha disfarçada com o sabor de temperos, sal e açúcar? Por outro lado, como achamos deliciosa a fragrância das frutas, cuja visão nos deixa muitas vezes com água na boca. Pode-se também notar que vários cereais e raízes tem odor e sabor gradáveis, embora fracos, mesmo quando não estão preparados. Portanto, mais uma vez, somos levados a deduzir por estas observações de que o homem tende à ser um animal frugívoro.[2]

Observação da alimentação das crianças. Observando a alimentação das crianças, vemos que o leite é sem dúvida o alimento do recém-nascido. A mãe não terá leite o bastante se não comer frutas, cereais e vegetais como seu alimento natural.

A Causa das doenças. Portanto, a única conclusão razoável à que se pode chegar a partir destas observações é a de que os vários cereais, frutas, raízes, e - como bebida - leite, e água pura exposta ao ar e ao sol, são de modo indiscutível o melhor alimento natural para o homem. Por serem adequados ao nosso sistema, quando ingeridos de acordo com a capacidade dos órgãos digestivos, estes alimentos bem mastigados e misturados com a saliva, serão facilmente assimilados.

Outros alimentos não são naturais para o homem, e sendo incompatíveis com o sistema são necessariamente estranhos à ele; quando entram no estômago, não são adequadamente assimilados. Misturados com o sangue, acumulam-se nos órgãos excretórios e em órgãos não adaptados adequadamente à eles. Se não são eliminados, depositam-se nas fendas dos tecidos pela lei da gravidade; e, ao fermentarem, produzem doenças mentais e físicas, levando à uma morte prematura.

O desenvolvimento das crianças. A experiência também prova que a dieta natural, não irritante, do vegetarianismo é quase sem exceções admiravelmente apropriada para o desenvolvimento das crianças, tanto físico como mental. Suas principais faculdades, mentes, discernimentos, vontades, temperamentos e disposição geral serão também harmoniosamente desenvolvidos.

A vida natural acalma as Paixões. Verificamos que quando se empregam meios incomuns, tais como jejum excessivo, flagelação ou clausura monástica, com a finalidade de suprimir as paixões sexuais, raras vezes consegue-se o efeito desejado. A ex-

[2]Disse ainda Deus: "Dou-vos por alimento toda planta que contém semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contém semente segundo sua espécie, para que vos sirvam de alimento." - Gênesis 1:29. (*Nota do Editor*)

periência mostra entretanto, que o homem pode facilmente dominar estas paixões, o arqüiinimigo da moralidade, pela vida natural baseada numa dieta não irritante, acima referida; deste modo, os homens obtém a tranqüilidade da mente, que os psicólogos sabem ser extremamente favorável à atividade mental, à uma compreensão lúcida, bem como à uma judiciosa maneira de pensar.

Desejo sexual. Algo mais deve ser dito aqui sobre o instinto natural de procriação, que é depois do instinto de auto-conservação, o mais forte no corpo animal. O desejo sexual, como todos os outros desejos, tem um estado normal e outro anormal ou doentio, este último resultante unicamente da matéria estranha acumulada pela vida anti-natural, como já mencionamos. No desejo sexual, cada um tem um termômetro muito preciso para indicar a condição de sua saúde. Este desejo ultrapassa seu estado normal devido à irritação nervosa resultante da pressão da matéria estranha acumulada no sistema, pressão esta exercida sobre o aparelho sexual, manifestada primeiro por um exacerbado desejo sexual, depois por uma gradual redução da potência.

O desejo sexual em seu estado normal deixa o homem completamente livre de todas as perturbações lascivas, e só atua no organismo (despertando um desejo de saciedade) raramente. Aqui, outra vez, a experiência demonstra que este desejo, como todos os outros, é sempre normal em indivíduos que vivem uma vida natural, como já mencionamos.

A raiz da árvore da vida. O órgão sexual - junção de importantes extremidades nervosas, particularmente dos nervos simpáticos e espinhais (nervos principais do abdômen), os quais através de sua conexão com o cérebro, são capazes de estimular todo o sistema - é, em certo sentido, a raiz da árvore da vida. O homem bem instruído no uso adequado do sexo pode manter seu corpo e sua mente saudáveis e viver uma vida inteiramente agradável.

Os princípios práticos da saúde sexual não são ensinados porque o povo considera o assunto impuro e obsceno. Assim, em sua cegueira, a humanidade tem a presunção de lançar um véu sobre a Natureza, porque ela lhe parece impura, esquecendo que ela é sempre imaculada e que tudo que existe de impuro e indecoroso está na mente do homem e não na natureza. Por conseguinte, é claro que o homem, ignorando a verdade sobre os perigos do abuso da força sexual, sendo compelido à práticas errôneas através da irritação nervosa resultante de uma vida anti-natural, sofrerá perturbadoras moléstias na vida, tornando-se uma vítima de morte prematura.

A moradia do homem. Em segundo lugar, vem a casa onde moramos. Podemos facilmente compreender, quando nos sentimos mal ao entramos numa sala abarrotada depois de respirarmos o ar fresco do alto de uma montanha ou de um vasto campo ou jardim, que a atmosfera da cidade ou de qualquer aglomerado urbano é anti-natural para se morar. A atmosfera revigorante do alto de uma montanha, de um campo, jardim ou de um lugar seco e arborizado situado num espaçoso terreno, bem ventilado com ar fresco, é a moradia apropriada para o homem em harmonia com a natureza.

A companhia que devemos ter. Em terceiro lugar está a companhia que devemos ter. Aqui também, se ouvirmos os ditames de nossa consciência e consultarmos nossa inclinação natural, verificaremos que preferimos as pessoas cujo magnetismo nos afeta harmoniosamente, que acalmam nosso organismo, tonificam internamente nossa

vitalidade, desenvolvem nosso amor natural, aliviando nossos sofrimentos, nos transmitindo paz. Isto quer dizer que devemos estar na companhia de *Sat* ou Salvador, e como já aludimos antes, devemos evitar a companhia de *Asat*. Na companhia de *Sat* temos a possibilidade de gozar uma saúde perfeita, física e mental, e nossa vida é prolongada. Se, por outro lado, não seguimos o conselho da Mãe Natureza, nem ouvimos os ditames de nossa consciência pura, mantendo a companhia de tudo que foi designado como *Asat*, produz-se um efeito oposto, prejudicando a saúde e encurtando a vida.

Necessidade de Vida Natural e Pureza. Por conseguinte, a vida natural favorece a prática de *Yama*, as abstenções ascéticas. Sendo a pureza da mente e do corpo igualmente importante na prática de *Niyama*, as observâncias ascéticas, devem-se fazer todas as tentativas para atingir essa pureza.

SUTRAS 12 - 18

Conseqüentemente extingue-se a servidão.

As oito servidões, ou armadilhas, são: o ódio, a desonra, o medo, o pesar, a censura, o preconceito racial, o orgulho de família e a presunção.

(A extinção das oito servidões) leva a magnanimidade do coração.

Assim, a pessoa torna-se apta para a prática do *Asana*, *Pranayama*, e do *Pratyahara*; e para desfrutar a vida de chefe de família (satisfazendo todos os seus desejos, portanto livrando-se deles).

***Asana* significa uma postura equilibrada e agradável do corpo.**

***Pranayama* significa controle do *prana*, a energia vital.**

***Pratyahara* significa abstração dos sentidos dos objetos externos.**

As oito torpezas do coração. Quando atingida a solidez da coragem moral, afastam-se todos os obstáculos do caminho da salvação. Estes obstáculos são de oito classes - ódio, desonra, medo, pesar, censura, preconceito racial, orgulho da genealogia, e uma percepção limitada de respeitabilidade - as quais constituem as torpezas do coração humano.

O despertar da magnanimidade do coração. Com a remoção destes oito obstáculos, atinge-se *Viratwam* ou *Mahattwam* (magnanimidade do coração), que torna o homem apto para a prática do *Asana* (permanência numa postura equilibrada e agradável), *Pranayama* (controle de *prana*, eletricidades nervosas involuntárias) e *Pratyahara* (mudança de direção das correntes nervosas voluntárias internas). Estas práticas habilitam o homem a satisfazer seu coração, desfrutando os objetos dos sentidos segundo *Garhasthyasrama* (a vida doméstica).

O valor de *Pranayama*. O homem pode por em atividade os nervos voluntários sempre que desejar e dar-lhes repouso quando estiverem cansados. Quando estes nervos exigem repouso, o homem naturalmente adormece, e com o sono os nervos, reanimados, voltam

a funcionar novamente em pleno vigor. Os nervos involuntários entretanto, independente da vontade do homem, funcionam constantemente por si mesmos desde o seu nascimento. Como o homem não tem controle sobre eles, não pode interferir de modo algum em sua atividade. Quando estes nervos ficam fatigados, também querem repousar e naturalmente adormecem. Este sono dos nervos involuntários denomina-se *Mahanidra*, o grande sono, ou morte. Quando isto ocorre, a circulação, a respiração e outras funções vitais param, e o corpo material naturalmente começa a se deteriorar. Algum tempo depois, quando o grande sono *Mahanidra* termina, o homem desperta com todos os seus desejos, e renasce em um novo corpo físico para satisfazer estes vários anseios. Deste modo, o homem ata-se à vida e à morte, deixando de alcançar a salvação final.

Controle sobre a morte. Mas, se o homem pode controlar os nervos involuntários por meio de *Pranayama*, ele pode deter a declínio natural do corpo material e proporcionar aos nervos involuntários (do coração, pulmões e outros órgãos vitais) um descanso periódico, como faz com os nervos voluntários durante o sono. Depois deste descanso resultante de *Pranayama*, os nervos involuntários se revigoram e passam a funcionar com uma nova plenitude vital.

Assim como depois do sono, após o repouso dos nervos voluntários, o homem não precisa de ajuda para despertar naturalmente; também depois da morte, após um completo repouso, o homem desperta naturalmente para a vida num novo corpo na terra. Se o homem pode "morrer", ou seja, se pode conscientemente fazer todo o seu sistema nervoso, voluntário e involuntário, repousar a cada dia pela prática de *Pranayama*, o seu organismo funcionará com grande vigor.

Vida e morte estão sob o controle do iogue que persevera na prática de *Pranayama*. Dessa maneira, ele salva seu corpo do declínio prematuro que acomete a maioria dos homens, e pode permanecer o tempo que quiser na sua presente forma física, tendo assim a oportunidade de esgotar seu carma em um só corpo e satisfazer (portanto, livrar-se dele) todos os vários desejos de seu coração. Finalmente purificado, já não precisa vir de novo a este mundo sob influência de *Maya*, Trevas, ou sofrer a "segunda morte." Ver I Coríntios 15:31, e Apocalipse 2:10,11.

"Dia por dia me exponho à morte, vo-lo juro, irmãos, pelo orgulho que sinto por vós em Jesus Cristo nosso Senhor. - São Paulo.

"... Sê fiel até á morte, e eu te darei a coroa da vida.
... o vencedor não sofrerá dano algum da segunda morte."

Necessidade de *Pratyahara*. O homem desfruta algo quando assim o deseja. Entretanto, no momento do prazer, se ele dirige os órgãos dos sentidos, através dos quais obtém essa satisfação, para o objeto de seu desejo, ele nunca ficará satisfeito, e seus desejos aumentarão duplamente. Ao contrário, se ele dirigir os órgãos dos sentidos para dentro de seu Ser, nesse momento ele pode satisfazer imediatamente os anseios de seu coração. Por isso, a prática de *Pratyahara*, a mudança de direção das correntes nervosas voluntárias internas, é um modo aconselhável para a satisfação dos desejos terrenos. O homem tem de reencarnar muitas vezes até esgotar todos os seus anseios terrenos e libertar-se de todos os desejos.

Necessidade de *Asana*. O homem não pode sentir, nem mesmo pensar bem, quando sua mente não está num estado agradável; e as diversas partes do corpo humano são tão harmoniosamente organizadas que, se uma qualquer delas, por mais diminuta que seja, se machucar, todo o organismo é perturbado. Assim, para compreender uma coisa, ou seja, para sentir uma coisa com clareza, é necessária a prática de *Asana*, a postura equilibrada e agradável.

SUTRAS 19 - 22

***Smriti*, a verdadeira concepção, leva ao conhecimento de toda a criação.**

***Samadhi*, a verdadeira concentração, permite-nos abandonar a individualidade e atingir a universalidade.**

Conseqüentemente surge *Samyama* ("controle" ou domínio da individualidade egocêntrica), por meio do qual se experimenta a vibração de *Aum* que revela Deus.

Assim, a alma (é batizada) em *Bhakti Yoga* (devoção). Este é o estado de Divindade.

***Smriti*, a verdadeira concepção.** Quando versado nas práticas acima mencionadas, o homem torna-se capaz de conceber ou sentir no coração todas as coisas da criação. Esta verdadeira concepção chama-se *Smriti*.

***Samadhi*, a verdadeira concentração.** Fixando firmemente a atenção em qualquer objeto assim concebido, quando o homem se identificar de tal modo com ele, a ponto de privar-se de sua natureza individual, ele atinge o estado de *Samadhi* ou verdadeira concentração.

***Pranava Sabda*, o Verbo de Deus.** Quando o homem dirige todos os seus órgãos dos sentidos para o seu centro universal, o sensório ou *Sushumnadwara*, a porta do mundo interno; ele percebe seu corpo de *Radha* luminoso, ou João Batista, e ouve o som peculiar de uma "batida", *Pranava Sabda*, o Verbo de Deus. Ver João 1:6, 7, 23.

"Surgiu um homem enviado por Deus. Seu nome era João.

"Ele veio como testemunha, para falar a respeito da luz, para que todos cressem por meio dele."

"... Sou uma voz que clama no deserto..."

***Samyama*, a concentração do ser.** Assim percebendo, o homem naturalmente crê na existência da verdadeira Luz Espiritual, e retraindo seu ser do mundo externo, concentra-se no sensório. Esta concentração do ser chama-se *Samyama*.

***Bhakti Yoga* ou batismo, o segundo nascimento do homem.** Por meio deste *Samyama* ou concentração do ser no sensório, o homem é batizado ou absorvido na corrente sagrada do som divino. Este batismo é chamado *Bhakti Yoga*. Neste estado o homem se arrepende; ou seja, apartando-se da densa criação material das Trevas, *Maya*, ele eleva-se e retorna à sua Divindade, o Pai Eterno, de onde caiu, e transpondo o sensório, a porta, entra em uma esfera interna, *Bhuvarloka*. Esta entrada no mundo interno é o segundo nascimento do homem. Neste estado, ele se torna *Devata*, um ser divino.

SUTRA 23

Tradução da Sutra idêntica ao comentário seguinte.

Os cinco estados do coração humano. Há cinco estados do coração humano: sombrio, evolutivo, estável, devocional e puro. Por estes diversos estados, o homem é classificado, e seu estado evolutivo é determinado.

SUTRA 24

No estado sombrio do coração, o homem nutre falsos conceitos (a respeito de tudo). Este estado decorre de *Avidya*, Ignorância, e produz um *Sudra* (homem de casta inferior). Ele só pode entender idéias do mundo físico. Este estado mental prevalece no *Kali Yuga*, a Era Negra de um ciclo.

O coração sombrio. No estado sombrio do coração, o homem está sujeito à equívocos; ele crê que esta parte densa e material da criação é a única substância real da existência, e que nada mais existe além dela. Entretanto, isto não é verdade, como já foi explicado, nada mais é que um efeito da Ignorância, *Avidya*.

***Sudra* ou classe servidora.** Neste estado o homem chama-se *Sudra*, ou integrante da classe servidora, porque seu dever natural é servir às pessoas da classe superior, a fim de viver na companhia delas, e por conseguinte, preparar o coração para atingir um estágio mais elevado.

***Kali Yuga*, o ciclo negro.** Este estado do homem denomina-se *Kali*; e sempre que, em qualquer sistema solar, o homem de modo em geral se encontrar neste estado, não podendo vence-lo, diz-se que todo sistema está no *Kali Yuga*, o ciclo negro.

SUTRAS 25, 26

Transpondo o primeiro estágio do plano de Brahma, o homem se esforça para alcançar a iluminação entra na casta natural dos *Kshatriya* (soldados).

Ele é impelido (pelas forças evolutivas) a lutar (pela verdade). Busca um guru e aprecia seu conselho divino. Assim, um *Kshatriya* torna-se apto para viver nos mundos de compreensão mais elevada.

A evolução do coração. Ao tornar-se um pouco iluminado, o homem compara suas experiências relativas à criação material acumuladas no estado de vigília, com suas experiências oníricas adquiridas no sonho, e, compreendendo que as últimas são meras idéias, começa a ter dúvidas sobre a existência substancial das primeiras. Seu coração então é impelido a aprender tudo que se relaciona com a natureza real do universo, e esforçando-se para esclarecer suas dúvidas, busca encontrar evidências para determinar o que é verdade.

***Kshatriya*, a classe militar.** Neste estado o homem chama-se *Kshatriya* ou membro da classe militar; e o esforço, da maneira já mencionado, torna-se seu dever natural, por meio do qual ele pode ter um vislumbre da natureza da criação e alcançar o verdadeiro conhecimento dela.

***Sandhisthala* - o ponto entre o estado superior e inferior.** Este estado *Kshatriya* do homem denomina-se *Sandhisthala*, o ponto entre o estado superior e o inferior. Neste estado, os homens, ansiando pelo verdadeiro conhecimento, precisam ajudar-se uns aos outros; daí o amor mútuo, a principal necessidade para alcançar a salvação surge no coração.

Motivado pela tendência energética deste amor, o homem afetuosamente busca a companhia daqueles que destroem os males, esclarecem as dúvidas e lhe asseguram a paz, evitando, portanto, tudo que produz o resultado contrário; ele estuda também cientificamente as escrituras dos personagens divinos.

Quando o homem encontra Sat-Guru, o Salvador. Deste modo, o homem torna-se capaz de apreciar a verdadeira fé, e compreende a posição real dos divinos personagens, quando tem a sorte de conseguir a companhia sublime de algum deles, que bondosamente o acolhe como seu Preceptor Espiritual, *Sat-Guru*, ou Salvador. Seguindo afetuosamente seus sagrados preceitos, aprende a concentrar sua mente, dirigindo os órgãos dos sentidos para o seu centro comum ou sensório, *Sushumnadwara*, a porta da esfera interna. Aí ele percebe o corpo luminoso de João Batista ou *Radha*, e ouve o Som sagrado (Amém, *Aum*) como uma torrente ou um rio; e absorvendo-se ou sendo batizado nele, começa a retornar à sua Divindade, o Pai Eterno, através dos diversos *Lokas* ou esferas da criação.

SUTRA 27

Os mundos da criação ou *Lokas* são sete: *Bhu*, *Bhuvar*, *Swar*, *Mahar*, *Jana*, *Tapo* e *Satya*. (Esta terra e o estágio "terreno" da consciência humana denominam-se *Bhuloka*.)

Os Sete *Lokas*. No caminho para a Divindade há sete esferas ou estágios da criação, denominados pelos sábios orientais como *Swargas* ou *Lokas*, conforme descrevemos no capítulo 1:13. São eles: *Bhuloka*, a esfera das matérias densas; *Bhuvarloka*, a esfera das matérias sutis ou atributos elétricos; *Swarloka*, a esfera dos pólos magnéticos e das auras ou eletricidades; *Maharloka*, a esfera dos imãs, os átomos; *Janaloka*, a esfera dos Reflexos Espirituais, os Filhos de Deus; *Tapoloka*, a esfera do Espírito Santo, o Espírito Universal; e *Satyaloka*, a esfera de Deus, a Substância Eterna, *Sat*. Destes sete planos, os três primeiros (*Bhuloka*, *Bhuvarloka* e *Swarloka*) abrangem a criação material, o reino das Trevas, *Maya*; e os três últimos (*Janaloka*, *Tapoloka* e *Satyaloka*) abrangem a criação espiritual, o reino da luz. *Maharloka* ou a esfera do Átomo, encontrando-se no meio, é considerada a "porta" de comunicação entre estas duas esferas - a da criação material e a da criação espiritual - e se chama *Dasamadwara*, a décima porta ou *Brahmarandhra*, o caminho para a Divindade.

SUTRA 28

Entrando no *Bhuvarloka* ("ar" ou "o mundo do vir-à-ser") o homem torna-se *Dvija* ou "nascido duas vezes." Ele compreende a segunda parte da criação material - a das forças mais refinadas, mais sutis. Este estado mental predomina no *Dwapara Yuga*.

***Dvija* ou nascido duas vezes.** Quando o homem, sendo batizado, começa a arrepender-se e retorna ao Pai Eterno, retirando seu ser do mundo material denso, *Bhuloka*, e entrar no mundo da matéria sutil, *Bhuvarloka*, pertencerá à classe dos *Dvija* ou dos nascidos duas vezes. Neste estado, ele compreende suas eletricidades internas, a segunda porção material sutil da criação; e compreende que a existência no mundo externo não passa substancialmente de mera fusão ou união de seus objetos dos sentidos internos sutis (os atributos negativos das eletricidades) com seus cinco órgãos dos sentidos (os atributos positivos) através de seus cinco órgãos de ação (os atributos neutralizantes dos mesmos), causada pela ação de sua mente e de sua consciência.

O coração constante. Este estado do homem é *Dwapara*; e quando este se torna naturalmente o estado geral dos seres humanos em qualquer sistema solar, diz-se que a totalidade desse sistema está no *Dwapara Yuga*. Neste estado de *Dwapara* o coração se torna constante.

Continuando no estado iniciático do batismo, imerso na torrente sagrada, o homem chega gradualmente a um agradável estado em que seu coração abandona totalmente as idéias do mundo externo, dedicando-se ao mundo interno.

SUTRA 29

Em *Swarloka* ("céu") o homem está apto a compreender os mistérios de *Chitta*, a terceira porção magnética da criação material. Ele se torna *Vipra* (um ser quase perfeito). Este estado mental predomina no *Tetra Yuga*.

O coração constante. Neste estado de devoção, o homem retirando seu ser de *Bhuvarloka*, o mundo dos atributos elétricos, chega à *Swarloka*, o mundo dos atributos magnéticos, das eletricidades e pólos; torna-se então capaz de compreender *Chitta*, o Coração, a terceira porção magnética da criação. *Chitta*, como foi explicado no capítulo I, é o Átomo espiritualizado e *Avidya* ou Ignorância, uma parte das Trevas, *Maya*. Compreendendo *Chitta*, o homem está apto a compreender a totalidade das trevas, *Maya* em si mesma, da qual *Chitta* é uma parte, assim como a criação inteira. Então diz-se que o homem pertence à classe *Vipra*, ou à classe quase perfeita. Este estado dos seres humanos chama-se *Treta*; quando naturalmente este se torna o estado geral dos seres humanos em qualquer sistema solar, diz-se que todo este sistema está no *Treta Yuga*.

SUTRA 30

Pelo arrependimento sincero, o homem chega a *Maharloka* (o "grande mundo"). Já não estando sujeito à influência da ignorância, *Maya*, ele consegue um coração puro. Entra na casta natural dos *Brahmanas* ("conhecedores de *Brahma*"). Este estado mental predomina no *Satya Yuga*.

O Coração Puro. Continuando a ascensão para Deus, o homem eleva o seu ser à *Maharloka*, a região do magneto, o Átomo; então, eliminados todos os produtos da Ignorância, seu coração atinge um estado de pureza isento de todas as idéias externas. Assim, o homem torna-se capaz de compreender a Luz Espiritual, *Brahma*, a Substância Real do universo, que é a última e eterna porção espiritual na criação. Neste estágio, o homem é chamado *Brahmana* ou integrante da classe espiritual. Este estágio denomina-se *Satya*, e quando naturalmente se torna o estado geral do homem em qualquer sistema solar, diz-se que a totalidade desse sistema está no *Satya Yuga*.

SUTRAS 31, 32

Não somente refletindo, mas manifestando a Luz Espiritual, o homem ascende à *Janaloka*, o reino de Deus.

Entra depois em *Tapoloka*, a esfera de *Kutastha Chaitanya*.

Abandonando a vã idéia de sua existência isolada, ele entra em *Satyaloka*, onde atinge o estado de libertação final ou *Kaivalya*, união com o Espírito.

Deste modo, o coração purificado já não reflete apenas, mas manifesta a Luz Espiritual, o Filho de Deus; deste modo, sendo consagrado ou o ungido pelo Espírito, torna-se Cristo, o Salvador. Este é o único meio pelo qual o homem, sendo novamente batizado e absorvido no Espírito, pode elevar-se acima da criação das Trevas e entrar

em *Janaloka*, o reino de Deus; ou seja, a criação de Luz. Neste estado o homem se chama *Jivanmukta Sannyasi*, como o Senhor Jesus de Nazaré. Ver João 3:5 e 14:6.

> *"Eu vos afirmo e esta é a verdade: se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus."*

> *"Jesus respondeu: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim."*

Neste estado, o homem compreende que nada mais é senão uma simples idéia efêmera pairando num fragmento do Espírito Santo universal de Deus, o Pai Eterno, e entendendo o sentido real da adoração, sacrifica o seu ser ao Espírito Santo, o altar de Deus; ou seja, renunciando a vã idéia de sua existência isolada, ele "morre" ou se dissolve no Espírito Santo universal; e então chega a *Tapoloka*, a região do Espírito Santo.

Desta maneira, unificado com o Espírito Santo universal de Deus e idêntico à Ele, o homem se unifica com próprio Pai Eterno e assim chega a *Satyaloka*, onde compreende que toda esta criação substancialmente não passa de uma simples idéia lúdica de sua própria natureza, e que nada existe no universo além do seu Próprio Ser. Este estado de unificação é chamado *Kaivalya*, o Ser Único. Ver Apocalipse 14:13 e João 16:28

> *"... Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor..."*

> *"Saí de meu Pai e vim ao mundo: outra vez deixo o mundo e vou para o Pai."*

CAPÍTULO 4

O APOCALIPSE

SUTRA 1 - 3

O adeptado é alcançado pela purificação dos três corpos do homem. É também atingível mediante a graça do guru.

A purificação ocorre através da Natureza, da penitência e dos *mantras*.

A Natureza promove a purificação da matéria densa (o corpo físico); pela penitência, a purificação da matéria refinada (o corpo sutil); pelos *mantras*, a purificação da mente.

O adeptado é atingível pela purificação do corpo em todos os aspectos. A purificação do corpo material pode ser realizada pelas coisas produzidas juntamente com ele pela Natureza; a purificação do corpo elétrico depende da paciência, em todas as circunstâncias; e a do corpo magnético (*chitta*, Átomo espiritualizado, Coração) ocorre por meio da regulação da respiração, que se chama *mantra,* o purificador da mente. O processo para efetuar essas purificações pode ser aprendido aos pés dos divinos personagens que evidenciam a Luz e dão testemunho da Consciência Crística.

SUTRA 4, 5

Pelo sagrado efeito do *mantra*, o *Pranava* ou som de *Aum* torna-se audível.

O som sagrado é ouvido de vários modos, de acordo com o estágio de desenvolvimento do devoto (na purificação de seu coração).

Pela prática de regulação da respiração, conforme orientada pelo Preceptor Espiritual (*Sat-Guru*), o Verbo sagrado (*Pranava* ou *Sabda*) soa espontaneamente e se torna audível. Quando este *mantra* (Verbo, *Pranava*) se manifesta, a respiração se regulariza e impede a decadência do corpo material.

Este *Pranava* se manifesta em diferentes formas nos diferentes estágios de desenvolvimento, de acordo com a purificação do coração (*Chitta*).

SUTRA 6

Aquele que cultiva o amor natural do coração obtém a orientação de um guru, e inicia seu *sadhana* (caminho da disciplina espiritual). Torna-se um *Pravartaka*, um iniciado.

Já se explicou o que é *Sat-Guru* e como permanecer em sua companhia. Quando dotado do dom celestial de um amor puro, o homem tende naturalmente a evitar a companhia do que é *Asat* e buscar a companhia do que foi descrito como *Sat*. Mantendo afetuosamente a companhia de *Sat*, ele pode ter sorte o bastante para agradar àquele que bondosamente o aceitará como seu *Sat-Guru* ou Preceptor Espiritual. Na companhia divina de seu preceptor, nasce uma inclinação, *Pravritti*, no coração do discípulo que o faz livrar-se das trevas, *Maya*, tornando-se um *Pravartaka*, um iniciado nas práticas de *Yama* e *Niyama*, as abstenções ascéticas e observâncias necessárias para a obtenção da salvação.

SUTRA 7

Pela prática de *Yama* e *Niyama*, as oito torpezas do coração desaparecem e nasce a virtude. O homem torna-se assim, um *Sadhaka*, um verdadeiro discípulo, apto à alcançar a salvação.

Devemos lembrar que pelo cultivo de *Yama* e *Niyama*, as oito torpezas desaparecem do coração humano, nascendo a magnanimidade. É neste estágio que o homem se torna apto para a prática da postura ascética e de outros processos indicados por seu *Sat-Guru* para alcançar a salvação; dando continuidade em praticar os processos à ele indicados por seu *Sat-Guru*, torna-se *Sadhaka* ou discípulo.

SUTRA 8

Ele avança no caminho divino, ouve o sagrado som de *Aum*, e torna-se um *Siddha*, personagem divino.

No Capítulo 3, vimos como um discípulo, passando por diversos estágios, torna-se capaz de conceber os diversos objetos da criação em seu coração; e como, gradualmente ele avança nos estados de meditação; e como, finalmente, concentrando a atenção no sensório, percebe o som característico, *Pranava* ou *Sabda*, o Verbo sagrado, quando então o coração se torna divino e o Ego, *Ahamkara*, ou o filho do homem funde-se ou é batizado nessa torrente, tornando-se o discípulo em *Siddha*, um adepto, um personagem divino.

SUTRA 9

Então ele percebe as manifestações do Espírito, e atravessa os sete *Patala Lokas* (ou centros da espinha), contemplando os sete *rishis*.

No estado de batismo (*Bhakti Yoga* ou *Surat Sabda Yoga*, absorção do Ego no Som sagrado) o homem se arrepende e afasta o seu ser do mundo externo das matérias densas, *Bhuloka*, e entra no mundo interno da matéria sutil, *Bhuvarloka*. Lá ele percebe a manifestação do Espírito, a verdadeira Luz, como sete estrelas em sete centros ou regiões de luz astral, as quais são comparadas com sete candelabros de ouro. Estas estrelas, sendo a verdadeira manifestação da verdadeira Luz, o Espírito, denominam-se anjos ou *rishis*, as quais aparecem uma após a outra na mão direita do filho do homem; ou seja, no seu caminho direto para a Divindade.

Os sete castiçais de ouro são as sete regiões de luz no corpo, conhecidas como cérebro, o *sahasrara*; medula oblongada, o *ajna chakra*; e os cinco centro espinhais - cervical, *vishuddha*; dorsal, *anahata*; lombar, *manipura*; sacro, *swadhishthana*, e coccígeo, *muladhara*, onde o Espírito se manifesta. Através desses sete centros ou igrejas, o Ego ou o filho do homem chega à Divindade. Ver Apocalipse 1:12, 13, 16, 20 e 2:1.

"E, tendo-me voltado, vi sete candelabros de ouro, e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um Filho de homem... Segurava na mão direita sete estrelas..."

"Quanto ao mistério das sete estrelas que vês na minha mão direita e aos sete candelabros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete Igrejas, e os sete candelabros, as sete Igrejas."

"... eis o que diz aquele que segura as sete estrelas na sua mão direita, aquele que anda pelo meio dos sete candelabros de ouro."

Neste estado de batismo (*Bhakti Yoga* ou *Surat Sabda Yoga*), o Ego, *Surat*, o filho do homem, passando gradualmente através das sete mencionadas regiões, adquire o conhecimento; e então, quando completa a jornada por todas essas regiões, ele compreende a verdadeira natureza do universo. Afastando seu ser de *Bhuvarloka*, a criação material sutil, ele entra em *Swarloka*, a fonte de todas as matérias, sutis e densas. Lá, percebe a luminosa forma astral em torno de seu Coração, o Átomo, o trono do Espírito Criador, provido de sete eletricidades, com dois pólos, Mente e Inteligência, de sete cores diferentes, como no arco-íris. Nesta esfera de eletricidades, Mente e Inteligência, origem de todos os objetos dos sentidos e dos órgãos de seu prazer, o homem tem a perfeita satisfação de estar de posse de todos os objetos de seus desejos e adquire um completo conhecimento deles. Desse modo, a referida forma astral com suas sete partes, eletricidades e pólos, tem sido descritas como um cofre selado de conhecimento, um livro com sete selos. Ver Apocalipse 4:3 e 5:1.

".... e o arco-íris rodeava o trono..."

"E vi também na mão direita do que estava assentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos."

SUTRA 10

Então, devido ao conhecimento e ao poder do yoga, o homem obtém supremacia sobre os sete *Swargas* (céus). Ele alcança a salvação, dissolvendo as quatro idéias originais (os "quatro *manus*" ou pensamentos primordiais que causam a existência da criação).

Transpondo este *Swarloka*, o filho do homem chega ao *Maharloka*, a região do magneto (o Átomo), do qual as idéias de manifestação (Verbo), Tempo, Espaço e Partícula (Átomo) são as quatro partes componentes. Como se mencionou no Capítulo 1, este *Maharloka* representa *Avidya*, a Ignorância, que produz a idéia de uma existência isolada do ser e é a origem do Ego, o filho do homem. Assim, sendo o homem (*manava*) fruto da Ignorância, e sendo a Ignorância representada pelas quatro idéias já referidas, estas denominam-se os quatro *manus*, origens ou fontes do homem.

SUTRA 11

Deste modo, vitorioso sobre os poderes das Trevas e da Ignorância, o homem unifica-se com Deus.

Maharloka, a região do magneto (Átomo), é *Brahmarandhra* ou *Dasamadwara*, a porta entre as duas criações material e espiritual. Quando o ego, o filho do homem, chega à porta, compreende a Luz Espiritual e nela é batizado. Transpondo esta porta, transcende a criação ideacional das Trevas, *Maya*, e entrando no mundo espiritual, recebe a verdadeira Luz e torna-se o Filho de Deus. Assim, como o Filho de Deus, o homem vence toda a servidão das Trevas, *Maya*, e passa a possuir todos os *aiswaryas*, as majestades ascéticas. Estes *aiswaryas* são de oito classes:

Anima, o poder de fazer com que o corpo ou qualquer outra coisa fique tão pequeno quanto se queira, até mesmo tão minúsculo como um Átomo, *anu*.

Mahima, o poder de aumentar ou fazer o corpo ou qualquer outra coisa *mahat*, tão grande quanto se queira.

Laghima, o poder de fazer o corpo ou qualquer outra coisa *laghu*, tão leve quanto se queira.

Garima, o poder de fazer o corpo ou qualquer outra coisa *guru*, tão pesado quanto se queira.

Prapti, o poder de *apti*, que faz com que se obtenha tudo o que se queira.

Vasitwa, o poder de *vasa*, que faz com que se tenha tudo sob controle.

Prakamya, o poder de satisfazer todos os desejos, *kama*, pela irresistível força de vontade.

Isitwa, o poder de tornar-se *Isa*, Senhor de todas as coisas. Ver João 14:12.

"Eu vos afirmo e esta é a verdade: quem crê em mim fará as obras que faço. E fará até maiores, porque vou ao Pai."

SUTRA 12

O conhecimento da evolução, da vida e da dissolução, leva à completa emancipação das ligaduras de *Maya*, a ilusão. Contemplando o ser no Ser Supremo, o homem alcança a liberdade eterna.

Assim, o homem de posse de *aiswaryas*, as referidas majestades ascéticas, compreende plenamente o Espírito Eterno, o Pai, a única Substância Real como Unidade, a Totalidade Perfeita, e o seu Ser como nada mais que uma simples idéia pairando num fragmento dessa Luz Espiritual. Deste modo, ele abandona completamente a vã idéia da existência isolada de seu próprio ser e se unifica com Ele, o Espírito Eterno, Deus, o Pai. Esta unificação com Deus é *Kaivalya*, a meta suprema do homem, já explicada neste tratado. Ver Apocalipse 3:21.

"O vencedor, fá-lo-ei assentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e assento-me com meu Pai no seu trono."

CONCLUSÃO

"O Amor reina na corte, no campo, no bosque,
Os homens embaixo e os santos em cima;
Pois o amor é o céu e o céu é o amor."

O poder do amor foi lindamente descrito pelo poeta na estrofe acima citada[1]. Demonstrou-se com clareza nas páginas precedentes que "o Amor é Deus", não apenas o mais nobre sentimento de um poeta, mas um aforismo da verdade eterna. Seja qual for a crença religiosa e a posição do homem na sociedade, se ele cultivar este princípio predominante, implantado naturalmente em seu coração, ele decerto seguirá o caminho reto e não ficará vagando nesta criação de Trevas, *Maya*.

Mostramos nas páginas precedentes como se pode cultivar o amor; cultivando-o, se alcança o desenvolvimento e, uma vez alcançado este desenvolvimento, e somente por esse meio, o homem pode encontrar seu Preceptor Espiritual, que lhe concede a graça de novamente batizar-se na torrente sagrada, sacrificar seu Ser diante do altar de Deus, unificando-se com o Pai Eterno para todo o sempre. Portanto, este pequeno livro foi concluído exortando fervorosamente ao leitor que não esqueça jamais a grande finalidade da vida. Nas palavras do iluminado sábio Shankaracharya:

> ["A vida é sempre insegura e instável, como uma gota d'água numa folha de lótus. A companhia de um personagem divino, mesmo por um momento, pode nos salvar e redimir."]

[1]Estrofe 2 do canto terceiro de *The Lay of the Last Minstrel* (A Balada do Último Menestrel), de Sir Walter Scott.